



## **ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES**

### **Licenciatura em Jornalismo**

Regime: **Laboral**

### **Trabalho de Culminação do Curso**

**Mídia e Realidade Social:** Representação de identidades de género no Programa *Homem que é Homem* da Televisão de Moçambique

#### **Autora**

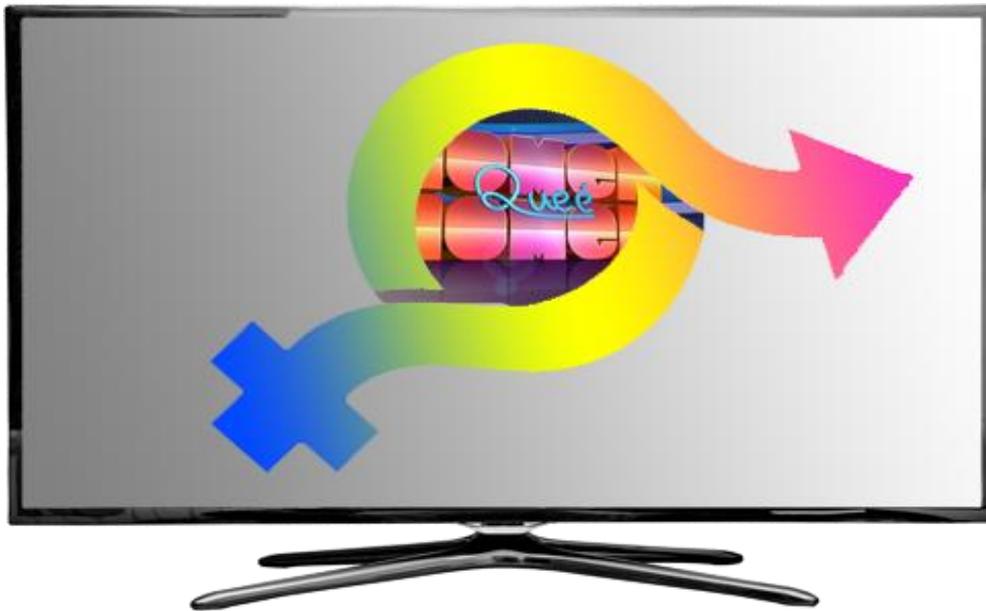
Mucuala, Yana de Almeida Antissone

#### **Supervisor**

Dr. Alvo Naftal Ofumane

Maputo, Novembro de 2018

# Mídia e Realidade Social: Representação de identidades de género no Programa *Homem que é Homem* da Televisão de Moçambique



Trabalho de Culminação de Curso apresentado na Escola de Comunicação e Artes , em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Jornalismo pela Universidade Eduardo Mondlane.

**Oponente**

---

**Presidente do Júri**

---

**Supervisor**

---

## DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, **Yana de Almeida Antissone Mucuala**, estudante do curso de Jornalismo na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), declaro por minha honra, que o presente trabalho nunca foi apresentado na sua essência para obtenção de qualquer grau e é resultado da minha própria investigação, estando devidamente indicado, no texto e na bibliografia, as fontes e métodos que utilizei.

Maputo, 29 de Novembro de 2018

-----  
(Yana de Almeida Antissone Mucuala)

## DECLARAÇÃO DO SUPERVISOR

Eu, **Alvo Naftal Ofumane**, docente do curso de Jornalismo, na Escola de Comunicação e Artes (ECA), da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), declaro que sou orientador do Trabalho de Culminação de Curso, da estudante Yana de Almeida Antissone Mucuala, para obtenção do grau de licenciatura em Jornalismo, intitulado: *Mídia e Realidade Social, Representação de identidades de género* no Programa *Homem que é Homem* da Televisão de Moçambique

Maputo, 29 de Novembro de 2018

---

(Alvo Naftal Ofumane)

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho e toda a minha vida ao  
meu papá, Almeida Antissone Mucuala, a  
minha mamã Amélia Assane Alberto e aos  
meus irmãos Estefânia Maia; Joseph;  
Edmilson e Obed de Almeida Mucuala*

*In memorial of my grandfather: Assane Alberto*

## **AGRADECIMENTOS**

*Ében-Ézer “Até aqui DEUS nos ajudou ” 1 Samuel 7,12*

Esta é para mim a fase mais delicada do trabalho pois as palavras tornam-se escassas e há um turbilhão de sentimentos envolvidos. O primeiro livro de Samuel pôde ajudar a expressar todo o sentimento de gratidão que há em mim, pois tudo o que aconteceu comigo é Graças ao meu Abbá Celestial por intercessão da Gloriosa virgem Maria. Para Ele e por Ele toda Honra e Glória sejam dadas.

Em seguida, gostaria de dizer *khoxukuro* (obrigada) aos meus pais, Almeida Antissone Mucuala e Amélia Assane Alberto, meus heróis, que abdicaram de muita coisa para que tivessem uma filha a ser formada longe de casa. Fazer jornalismo foi deixar que o meu sonho de criança ganhasse vida e vocês foram os primeiros a alimentar as minhas esperanças para esta realização. Serei eternamente grata a vós e aos meus irmãos Estefânia, Joseph, Edmilson e Obed que sempre demonstraram confiança em mim e foram como a minha água no deserto.

Ao meu avô Assane Alberto Mussa que hoje encontra-se junto de Allah e a minha pretinha, vovó Marta Muatxene Catadia, pela motivação através das orações e energias positivas. Presente melhor que o que vocês me dão em oração, não existe. Aos meus tios, tias e primos, em especial a minha amada tia Sufia Assane, minha segunda mãe.

Quero também de forma muito especial agradecer ao meu supervisor, o professor Alvo Naftal Ofumane, que mais que um orientador tornou-se um verdadeiro amigo e impulsionador do meu desenvolvimento académico e pessoal. A si, professor, muito obrigada por acreditar em mim. É um exemplo de humildade e me surpreendo a cada dia com a sua mente brilhante e esplêndida forma de ensinar. Tenho orgulho de ter passado em suas mãos e vou carregá-lo comigo pelo resto da vida.

Os agradecimentos vão também a todos os meus professores que, ao longo do percurso académico, ensinaram-me a amar cada vez mais a arte de contar histórias de vida.

Aos meus colegas da turma de jornalismo 2014, em especial aos membros do terceiro grupo (ORCY e Companhia): Olívio Micacho, Ricardina Simango, Rafael Purificação e a mais especial de todas, Cármen Rodrigo, minha grande amiga. A ti Carminha querida, obrigada pelo

companheirismo, por estar comigo em todos os momentos do meu percurso académico e pessoal durante estes anos. Amigos são muitos mas você é única.

Aos meus colegas e amigos Sousa Licumba e Evaristo Chilingue que também desenvolvi muito afecto e carinho nestes longos 4 anos e que me apoiam dando-me força digo muito obrigada pelo suporte. Vocês são verdadeiramente boa gente.

O meu sucesso académico esteve muito ligado a tranquilidade e alegria que recebi no lugar onde vivi durante o meu período de formação, a residência número 7 da Universidade Eduardo Mondlane. Seria injusto não agradecer as meninas do bloco lateral esquerdo, em especial as do quarto 118 que partilharam comigo todas as minhas vitórias e derrotas. A vocês Alcina Amur, Cristina Chichava, Cátia Pereira, Mangaza Alí, as antigas, e as mais novas companheiras, Márcia Carlos, Lídia Guimarães e Filomena Alfane agradeço do fundo do coração por serem uma verdadeira família para mim. Obrigada minhas irmãs!

Fiz também amigos que hoje são família, verdadeiros irmãos. A vocês, Catequista Adriana, Marla Rufai, Cleide Firmino, Néusia Pelembe, Orlanda Pililão, Júlia Morais e Berceles Campos meus queridos, muito obrigado por me motivarem a não desistir e impulsionar o meu crescimento pessoal e académico.

A todos vós que directa ou directamente lutaram por mim, acreditaram e não permitiram que eu fracassasse, digo do fundo do meu coração: Alhamdulillah (Graças à Deus) por vocês existirem. Peço à Deus que vos abençoe providenciando-vos sempre o melhor.

## **EPÍGRAFE**

*“ Eu tive muitas coisas que guardei em  
minhas mãos e as perdi. Mas tudo que  
guardei nas mãos de DEUS, eu ainda  
posso.”*

**Martin Luter King**

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

**ACABE-** Associação Amigos da Criança Boa Esperança

**HOPEM-** Rede Homens Pela Mudança

**SADC** – Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral

**TVE-**Televisão Experimental

**TVM-**Televisão de Moçambique

**FRELIMO-** Frente de Libertação de Moçambique

**GDG-** Grupo de Doadores de Género

**WLSA-**Women and Law in Southern Africa Research an Education Trust

**Muleide-** Associação Mulher, Lei e Desenvolvimento

**UNICEF** - Fundo das Nações Unidas para a Infância

**IDS-** Inquérito Demográfico e de Saúde

**ASDI-** Agência Sueca de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento

**PARP-**Plano de Acção para a Redução da Pobreza

**OSCs-** Organizações da Sociedade Civil

**IOF-** Inquérito aos Orçamentos Familiares

## **RESUMO**

Os programas televisivos são objectos amplos de significação devido as diversas linguagens que, em interação, os compõem. É neste contexto que a presente pesquisa analisa as representações de identidades de género no Programa Homem que é Homem da Televisão de Moçambique procurando perceber não só a forma como são representadas mas também o significado das representações construídas.

Através de uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa) o trabalho faz análise de 23 programas escolhidos com base em uma amostragem intencional de edições compreendidas entre os meses de Junho à Dezembro de 2017. A construção de categorias qualitativas (sujeitos da representação, ideologia dominante, estereótipos, discursos minoritários e significados implícitos) e quantitativas (temas abordados, influência da autoridade presente, composição da plateia) ajudam a responder os objectivos da pesquisa.

A teoria de Representação de Stuart Hall conciliada a técnica de entrevista à figuras preponderantes na execução do programa tornam possível a análise de conteúdo e a interpretação das representações de identidades de género no programa Homem que é Homem.

**Palavras-chave:** Representação, Género, Identidades de Género, Televisão.

## **ABSTRACT**

Television programs are broad objects of meaning due to the different languages that, interactively compose them. In this context, reviews the representation of gender identities in the program “Homem que é homem” of the Television of Mozambique, trying to perceive not only the way they are represented but also the meaning of the constructed representations.

Based on a blended methodology (qualitative and quantitative) the study analyses 23 programs chosen in accordance with the intentional sampling of editions from June to December 2017. The construction of qualitative categories (subjects of representation, dominant ideology, stereotypes, minority discourses and implicit meanings) and quantitative (topics covered, influence of present authority, composition of the audience) help to answer the objectives of this research.

Stuart Hall’s Theory of Representation reconciled with the technique of interviewing prominent figures in the execution of the program makes possible the analysis of content and the interpretation of representations of gender identities in the program “Homem que é homem”.

**Keywords:** Representation, Gender, Gender identities, Television

## ÍNDICE

<b>DEDICATÓRIA.....</b>	<b>I</b>
<b>AGRADECIMENTOS .....</b>	<b>II</b>
<b>EPÍGRAFE .....</b>	<b>IV</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS.....</b>	<b>V</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE TABELAS .....</b>	<b>3</b>
<b>LISTA DE FIGURAS.....</b>	<b>3</b>
<b>1. CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO E DO ENQUADRAMENTO METODÓLOGICO.....</b>	<b>4</b>
1.1. Introdução.....	4
1.2. Problemática.....	5
1.3. Justificativa.....	8
1.4. Problema.....	9
1.5. Objectivos: .....	9
1.5.1. Geral:.....	9
1.5.2. Específicos: .....	9
1.6. Hipóteses .....	9
1.7. Revisão da literatura.....	10
1.8. Metodologia e técnicas de pesquisa .....	12
1.8.2. Referencial Teórico: Stuart Hall e o trabalho das Representações .....	16
1.8.3. Operacionalização de conceitos .....	17

<b>2. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO .....</b>	<b>18</b>
2.1. Televisão de Moçambique – Empresa Pública (E.P.) .....	18
2.2. O programa Homem que é homem .....	19
2.3. Contexto do género em Moçambique .....	20
2.4. Contexto socioeconómico .....	22
2.5. Contexto Cultural .....	24
2.6. Contexto Religioso .....	26
<b>3. CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS ..</b>	<b>28</b>
3.1. Categorias de análise .....	28
3.2. Tabulação dos dados dos programas analisados .....	29
3.3. Exposição dos resultados da análise quantitativa.....	34
3.3.1. Resumo dos resultados.....	35
3.4. Análise quantitativa dos dados .....	36
3.5. Análise qualitativa.....	39
3.5.1. Sujeitos da Representação.....	41
3.5.2. Ideologia dominante.....	46
3.5.3. Estereótipos.....	52
3.5.4. Discursos Minoritários.....	61
3.5.5. Significados implícitos.....	64
<b>4. CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>67</b>
5.1. Conclusões .....	67
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>70</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>73</b>

## **LISTA DE TABELAS**

<b>Tabela 1.</b> Exposição de Dados quantitativos .....	34
<b>Tabela 2.</b> Resultados numéricos da análise quantitativa.....	35
<b>Tabela 3.</b> Exposição dos resultados da análise qualitativa.....	39
<b>Tabela 4.</b> Ilustração da repetição de temas .....	50
<b>Tabela 5.</b> Descrição dos programas analisados.....	29

## **LISTA DE FIGURAS**

<b>Figura 1.</b> Identidade visual do programa .....	20
<b>Figura 3.</b> Exemplo de equilíbrio nos convidados .....	49
<b>Figura 4.</b> Apresentador do programa .....	53
<b>Figura 5.</b> Programa Homem que é homem numa das escolas.....	54
<b>Figura 6.</b> Imagem ressaltada na abordagem do programa sobre paternidade .....	55
<b>Figura 7.</b> Identidade visual da rubrica homem que é homem ajuda-me .....	57
<b>Figura 8.</b> Ministra do género, apresentador e vice ministro da saúde .....	59
<b>Figura 9.</b> Exemplo da rubrica Homens na cozinha.....	60
<b>Figura 10.</b> Alguns símbolos presentes no programa.....	64
<b>Figura 11.</b> Planos de detalhe exibidos no programa .....	65

## **1. CAPÍTULO I: APRESENTAÇÃO DO OBJECTO DE ESTUDO E DO ENQUADRAMENTO METODÓLOGICO**

Neste capítulo far-se-á a apresentação do projecto de estudo através da exposição de temas relativos a pesquisa científica (introdução, problema, problemática, revisão bibliográfica) bem como a questão metodológica sobre trabalho. Serão apresentadas não só as motivações desta pesquisa como também as principais discussões relativas a questão das identidades de género e a problematização do trabalho através das mais diversas referências bibliográficas.

### **1.1. Introdução**

A média delinea, situa, sugere e estimula determinadas formas de existência colectiva ou de relação das pessoas com elas mesmas e com os outros por meio de códigos sociais e culturais, visíveis e vividos no interior dos diferentes espaços sociais que constituem, pautam, normalizam e naturalizam os gêneros (Fischer, 2005).

A presente pesquisa analisa a representação de identidades de género, a partir das relações de mediação sociocultural realizada por intermédio das narrativas mediáticas do programa Homem que é homem da televisão pública nacional, centrando-se na questão de como são representadas e qual o significado das representações construídas.

O trabalho, encontra-se dividido em quatro (4) capítulos onde analisa a representação de identidades de género no programa acima citado, através de uma amostragem intencional de 23 edições exibidas de Junho à Dezembro de 2017.

No primeiro capítulo faz-se a apresentação do objecto de estudo e do enquadramento metodológico, o segundo é referente a contextualização do país em relação as questões de género incidindo em aspectos socioeconómicos, culturais, religiosos e uma breve contextualização sobre a televisão de Moçambique e o programa em análise. O terceiro capítulo está reservado para a apresentação dos dados da pesquisa, sua análise e interpretação enquanto o último capítulo é reservado para as conclusões.

O trabalho faz a combinação dos métodos qualitativo e quantitativo usando a técnica de pesquisa documental e no final a técnica da entrevista para melhor interpretação de resultados. A análise de dados obedece as abordagens sugeridas pela análise de conteúdo aliada a abordagem de Stuart Hall sobre representação.

## 1.2. Problemática

Os estudos de género não se limitam e não devem ser limitados aos estudos de/sobre mulheres, mas incluem também a discussão em torno da construção das masculinidades, problematizando de que forma elas têm sido colocadas em discurso.

De acordo com Louro (1997), a categorização “homem” e “mulher” não deve mais ser vista como produtos sexuais biológicos, mas, antes, como construções sociais. Portanto, ao falarmos de identidades de género, é importante atentar para o facto de que são construções culturais inconclusas, e sempre relacionais e que, por isso mesmo, devemos fazer referência a feminilidades e a masculinidades sempre no plural, considerando que podem ser sempre várias as identidades possíveis.

Cada sociedade atribui os papéis que acha adequados para cada um dos sexos e esta distribuição de papéis começa desde a nascença no seio familiar. Por outro lado, a media reforça a atribuição de papéis sociais. Assim, espera-se que uma mulher para ser mulher seja mãe, esposa, carinhosa enquanto aos homens espera-se que tenham trabalho, tratem das despesas de casa e assim em diante. (Heller,2008)

Essas discussões ganham relevância na medida em que vivemos em uma sociedade historicamente sexista, sendo que as identidades de género vêm sendo, desde há muito, controladas.

Em geral, as mensagens que criam e recriam imagens de mulheres e homens correspondem à ideologia que prevalece na sociedade. Elas valorizam e desvalorizam, culpam e inocentam, amam e odeiam. (Fonseca, 2010)

Torna-se necessário analisar como determinados órgãos de comunicação usam-se do seu poder para desconstruir ideias naturalizadas sobre os géneros. Isso envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significado, como eles constituem e organizam a percepção de seus/as leitores/ as.

A observação de uma das edições do *Homem que é homem* exibido no dia 09 de Julho com o tema *participação dos homens na cozinha* fez surgir a necessidade de uma análise do programa. O mesmo, chama atenção não só pela pertinência do tema mas também pela forma como os diferentes intervenientes construíam seus discursos.

A plateia era constituída de aproximadamente trinta pessoas maioritariamente do sexo masculino tendo existido também dois outros convidados como painelistas principais: a directora distrital dos serviços de educação, ciência e tecnologia e um líder comunitário.

As intervenções femininas construía um discurso que olhava para a participação dos homens na cozinha como algo que fortificava o amor e usavam o sentido de família para incentivar aquele acto, enquanto os homens achavam importante aquela prática subordinando-se a justificativa do desenvolvimento das sociedades. Aquela prática era, segundo eles, inevitável devido à própria dinâmica da vida.

Considerando-se que as relações entre o masculino e o feminino, são construções culturais históricas, que não emanam da natureza dos corpos, e sim de uma ordem simbólica patriarcal, tornou-se necessário olhar-se para o discurso como locus privilegiado na representação. (Funk, Widholzer, 2005). Subscrevendo-me as ideias das autoras acima citadas, torna-se necessário analisar o alcance destes dois discursos (masculino e feminino).

Outra parte do programa que chamou a atenção foi a rubrica “Homem que é homem ajuda-me” introduzida no final. Através desta rubrica homens e mulheres expõem suas dúvidas sobre seus relacionamentos e pedem opinião sobre determinada situação de vida.

Naquela edição, a história de vida vinha de uma senhora que enfrentava problemas no seu casamento, sofria alegadamente traição por parte do seu marido e este lhe obrigava a sair de casa mesmo tendo um bebé de menos de 2 anos. A jovem pedia conselho sobre se continuava ou se deixava o relacionamento.

Nesta rubrica são convidadas pessoas que possam ajudar a dar conselhos. E, naquele caso estavam presentes dois homens, dentre eles um bispo.

Logo após a exposição do problema a moderadora diz o seguinte: *"eu acho que vale a pena continuar. A esperança é a última coisa a morrer"*.

Essas palavras chamam atenção na medida em que mostram como determinadas situações são interpretadas por homens e mulheres, como eles desconstroem determinadas situações da vida real, e como até certo ponto as próprias “vítimas” de uma situação tomada como natural reforçam práticas conscientes ou inconscientemente.

É importante observar, conforme pontua Orofino, que “é preciso considerar o conjunto dos meios de comunicação na construção de representações sociais a partir das quais compartilhamos um imaginário social” (Orofino, 2008).

Neste âmbito podemos inserir a questão do discurso dos programas televisivos no processo de construção e reconstrução das identidades, aproximando seus telespectadores por actos de identificação ligados à vida quotidiana, sendo um processo de interação social mediado pelo aparato tecnológico.

Por isso, a necessidade de problematizar o supostamente óbvio, aquilo que é tido como certo, como natural pelos discursos mediáticos que nos são “vendidos” como realidades inquestionáveis.

A necessidade de questionamento das construções de identidades de género na televisão é trazida por se acreditar que é preciso estar atento às práticas de produção de sentido nas quais estamos envolvidos quotidianamente.

### **1.3. Justificativa**

Torna-se importante reconhecer o papel que as pedagogias culturais da média na moldagem de identidades sociais de género e analisar como as representações são construídas e assumidas, ensinadas e aprendidas, mediadas e apropriadas no contexto de formações discursivas e institucionais particulares de poder (Giroux, 1995).

Assim, a importância deste estudo reside no facto de contribuir para uma alfabetização crítica no que diz respeito aos média a fim de aprender a questionar as representações historicamente e socialmente construídas sobre a naturalidade e as desigualdades de género.

Estudos envolvendo os meios audiovisuais continuam uma raridade no país. Os poucos existentes referem-se a trabalhos realizados a nível académico como é o caso da pesquisa feita por Nhacumba (2011) sobre a análise do programa Ver Moçambique da Televisão de Moçambique como vínculo identitário. O autor analisa a forma como a Televisão de Moçambique através do Programa Ver Moçambique, contribui no processo de construção da identidade moçambicana. No mesmo âmbito destaca-se também o trabalho de Sanveca (2016) que analisa o cenário das eleições gerais de 2009 em Moçambique, com ênfase na propaganda eleitoral com o título Televisão e eleições: análise das estratégias discursivas da propaganda eleitoral em Moçambique e o trabalho de Tonetti (2007) sobre a média televisiva em Moçambique e os espaços de discussão sobre o desporto.

Este estudo pode tornar-se um passo importante para o incentivo e aumento de obras escritas sobre a temática da construção de identidades de género nos meios audiovisuais.

A nível académico a pesquisa torna-se importante pois pode ajudar no desenvolvimento de estudos sobre género e média pelo facto dos poucos existentes incidirem-se em questões de género resumindo-o em aspectos estreitamente ligados a mulher, tal é o caso do trabalho desenvolvido pelo Programa para o Fortalecimento da Media-Irex, na sua análise de Género na Média Moçambicana em 2015.

Este trabalho pretende trazer um diferencial abordando o género na sua visão mais abrangente, não se restringindo a mulher. Este poderá possivelmente servir como motivador para o desenvolvimento de outras investigações similares.

Uma vez que os média indicam modos de proceder com nossas masculinidades e feminilidades e constrói verdades por meio de múltiplas estratégias; neles, o poder é organizado e difundido em

relações sociais desiguais, por isso, torna-se importante que sejam feitos estudos académicos desta natureza.

#### **1.4. Pergunta de Partida**

Como são representadas as identidades de género no programa Homem que é homem e qual o significado das representações construídas.

#### **1.5. Objectivos:**

##### **1.5.1. Geral:**

Analisar as representações de identidades de género no programa *Homem que é Homem* da Televisão de Moçambique

##### **1.5.2. Específicos:**

- Identificar marcas de padronização de masculinidades e feminilidades no programa;
- Perceber a construção de identidades de género no programa (contexto sócio-económico, cultural, religioso);
- Descrever marcas que reforçam papéis sociais nos discursos e marginalizam outros;
- Comparar os objectivos com que foi idealizado o programa com a realidade nele apresentado.

#### **1.6. Hipóteses**

**H1:** As representações de identidades de género no programa Homem que é Homem reforçam as estruturas de naturalização de masculinidades e feminilidades, numa abordagem desequilibrada que sobrevaloriza uma e oculta outra.

**H2:** As representações de identidades de género no programa Homem que é Homem desafiam as estruturas de naturalização de masculinidades e feminilidades, numa abordagem equilibrada.

### **1.7. Revisão da literatura**

Nesta fase far-se-á a apresentação dos conceitos chaves da nossa pesquisa clarificando o contexto do seu surgimento, os diversos significados que eles adquirem, para mais tarde operacionalizá-los de acordo com os objectivos da nossa pesquisa.

É também nesta fase que apresentar-se-á a teoria que orienta a abordagem sobre a construção de identidades de género no programa Homem que é Homem da Televisão de Moçambique.

No decorrer dos anos 90, em detrimento do impacto político do Feminismo<sup>1</sup>, o uso da categoria “género” ganhou evidência e implicou uma ressignificação dos conceitos de masculinidade e feminilidade.

Os estudos de género surgiram e afirmaram-se como decorrência do alargamento das fronteiras teóricas da crítica feminista, oriunda por sua vez da vertente intelectual mas não menos política do movimento<sup>2</sup> de mulheres que se instaurou no ocidente nas décadas de 1960 e 1970. (Funk, Suzana; Widholzer, Nara, 2005)

Segundo Louro (2008) o conceito de género surgiu pela necessidade de acentuar o carácter eminentemente social das diferenças percebidas entre os sexos. Apontava para a impossibilidade de se ancorar no sexo (tomado de modo estreito como características físicas ou biológicas dos corpos) as diferenças e desigualdades que as mulheres experimentavam em relação aos homens. A aproximação entre género e sexualidade, conforme Louro (2008), se dá na medida em que assumimos que ambos são construídos culturalmente e, portanto, “carregam a historicidade e o carácter provisório das culturas”. Diferentes sociedades e épocas, discerne a autora, alocam significados distintos às posições de género - à masculinidade e à feminilidade -, bem como às diferentes expressões da sexualidade. Louro enfatiza, ainda, que o que marca o género e a sexualidade são as relações de poder que perpassam a ambos, criando hierarquias e distinções entre os mesmos.

---

<sup>1</sup> *O Feminismo é reconhecido não apenas pelo activismo social para a melhoria da condição feminina na sociedade, como por produzir o seu próprio corpo teórico que acabou por conquistar espaço no meio académico.*(Theodoro,2015)

<sup>2</sup> *Como movimento social visível, o feminismo tem vivido algumas —ondas, ou seja, períodos de maior efervescência e atividade. O feminismo de —primeira onda teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação, principalmente, dos direitos políticos, sociais e económicos (de voto, propriedade, herança, etc.). O feminismo chamado de —segunda onda surgiu depois da Segunda Guerra Mundial, e deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres.* (Pedro, 2005 apud Theodoro 2015)

De acordo com Oliveira e Diaz (1998) *apud* Souza e Mill (2015) gênero, refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres, que resultam de uma construção social do papel do homem e da mulher a partir das diferenças sexuais.

Segundo Charles (1991) *apud* Fonseca (2005), a identidade é fruto de uma construção social, interiorizada e vivida pela maioria da população, construção essa que tem adquirido diferentes matizes, ao longo da história, segundo o modelo de organização social vigente e das características consideradas necessárias para proporcionar funcionalidade ao sistema.

Para Stuart Hall (1997), “o próprio conceito com o qual lidamos ‘identidade’, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. O deslocamento do sujeito e seu lugar no mundo são frutos da fragmentação instaurada na pós-modernidade (Idem). Daí decorre o que o autor chama de “crise da identidade”, a qual se estabelece devido ao processo de profundas mudanças na esfera social.

Para Agnes Heller, os papéis são construções sociais que permitem aos membros de uma sociedade mecanizar a maior parte das suas acções pela imitação activa de comportamentos valorizados.

Segundo Amâncio (1994) *apud* Theodoro (2015), os indivíduos já nascem num sistema social que produziu conteúdos simbólicos associados ao sexo. De modo que, as representações do feminino e do masculino são aprendidas através do processo de socialização e estas permanecem a exercer influência quotidianamente. O conteúdo dessas representações é construído, partilhado e reforçado socialmente.

Reconhece-se, geralmente, as representações sociais, como sistemas de interpretação, que regem nossa relação com o mundo e com os outros, orientando e organizando as condutas e as comunicações sociais (Jodelet, 1989 *apud* Theodoro, 2015).

No que toca ao processo de construção das representações, este se imbuí de expressividade, pois carrega a marca do sujeito e de sua actividade. (Jodelet, 1989 *apud* Theodoro, 2015). Portanto, o sujeito não seria um indivíduo isolado, mas seria um ser autenticamente social; um sujeito que interioriza, se apropria das representações ao mesmo tempo em que intervém na sua construção.

A teoria da representação social<sup>3</sup> pressupõe, então, alguma autonomia do sujeito nos processos representacionais. Portanto, este não seria apenas um recipiente passivo das representações impostas, por exemplo, pela comunicação social, mas teria o potencial de resistir a estes conteúdos se tivesse consciência das suas implicações.

As masculinidades e as feminilidades são ensinadas desde a descoberta do sexo dos bebés; estes ao nascerem são inseridos em “ comunidades de práticas” masculinas ou femininas nas quais aprendem o que é próprio de cada comunidade, para inscrever em seus corpos as características e sentirem-se pertencentes a um determinado grupo. (Paechter, 2009)

De acordo com esta autora a construção da identidade de género, portanto, baseia-se na incorporação, por meio das relações socioculturais, de características ditas masculinas ou femininas.

Assim, os estudos das masculinidades encontram nas representações sociais de género difundidas pela média, um local privilegiado para analisar as estruturas sociais refletidas na construção dos ideais ligados aos homens.

### **1.8. Metodologia e técnicas de pesquisa**

Este trabalho pretende analisar a representação de identidades de género no programa *Homem que é Homem* da Televisão de Moçambique, tendo como base a teoria de representação de Stuart Hall, de forma a perceber como são representados os discursos, o que eles sobrevalorizam e descartam e o que é privilegiado nas construções dessas identidades.

Segundo Hanguette (1992) *apud* Guerra (2014) o melhor método é aquele que mais ajuda na compreensão do fenómeno a ser estudado.

Este estudo vai cingir-se na abordagem mista, envolvendo a qualitativa e quantitativa.

A abordagem quantitativa vai se preocupar em olhar para as frequências relativas aos temas debatidos, autoridades presentes e composição da plateia.

---

<sup>3</sup> Embora oriundo da sociologia de Durkheim, é na psicologia social que o conceito de representação social ganha sua teorização, desenvolvida por Serge Moscovici e aprofundada por Denise Jodelet (Arruda, 2002 *apud* Theodoro 2015).

Quanto aos **temas debatidos** pretende-se perceber quais os assuntos mais frequentes (gerais, temas especificamente femininos ou masculinos) para daí inferir sobre as tendências dos tipos de discussões promovidas. Esta categoria é importante na medida em que vai dar uma visão geral do como são construídas as identidades de género na perspectiva dos temas levados a mesa de debates.

Em relação a **influência autoridades presentes** vai buscar perceber a frequência das autoridades, isto é, quem são as autoridades presentes a nível de influência, seja ela, política, científica, social, religiosa entre outras. Esta categoria vai ajudar a perceber que tipo de discurso é dado espaço nessas construções de identidades olhando para o poder dessas autoridades no seu contexto.

A última categoria da análise quantitativa (**composição da plateia**) será analisado em cada programa qual a tendência de representação de homens e mulheres no programa. Se existe mais representação feminina, masculina ou ambas. Esta categoria vai a perceber como são constituídas as plateias para os debates de diferentes temas.

Em relação à análise qualitativa através da teoria de base<sup>4</sup> adoptada para o estudo aliada à observação do próprio programa pretende-se analisar os seguintes aspectos: **sujeitos da representação, ideologia dominante, estereótipos, discursos minoritários e significados implícitos.**

Sobre aos **sujeitos da representação** pretende-se responder o “quem” da representação, as figuras presentes nos discursos, as pessoas que dão vida ao programa no sentido de perceber as características desses sujeitos e principalmente as posições construídas no discurso.

A **ideologia dominante** vai procurar perceber a ideia fundamental defendida pelo programa e as formas pelas quais são utilizadas para legitimar essa ideia através do privilégio, normalização e repetição.

Na categoria **estereótipos** pretende-se perceber a representação de identidades de género com base na destruição de estereótipos e perceber a maneira como esses são desconstruídos ou reforçados, consciente ou inconscientemente, bem como analisar a possível existência de novos estereótipos.

---

<sup>4</sup> A teoria central que norteia este estudo é a teoria de representação de Stuart Hall expressa na obra *The Work of Representation*

A quarta categoria diz respeito aos **discursos minoritários** e pretende perceber os discursos contra ideológicos, o que defendem e como eles são tratados no programa.

Quanto à última categoria (**significados implícitos**) pretende-se analisar a representação de identidades de género com base em aspectos não só em discursos mas também em imagens que implicitamente transmitem informações de género.

Creswell e Plano Clark (2011) *apud* Freitas et al., (2016) definem métodos mistos como um procedimento de colecta, análise e combinação de técnicas quantitativas e qualitativas em um mesmo desenho de pesquisa.

O pressuposto central que justifica a abordagem mista neste trabalho é o de que a interação entre eles fornece melhores possibilidades analíticas. Esta abordagem é importante porque muitas vezes, por si só, nem a abordagem qualitativa nem a quantitativa são suficientes para a compreensão do fenómeno estudado.

No método misto, o pesquisador baseia a investigação supondo que a colecta de diversos tipos de dados garanta um entendimento melhor do problema pesquisado. (Creswell,2007)

A análise de dados será feita com base na análise de conteúdo, compreendido como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento.

Bardin (1995) *apud* Campos (2004) configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Para Laville e Dione (1999), a análise de conteúdo consiste em desmontar a estrutura e os elementos desse conteúdo para esclarecer suas diferentes características e extrair sua significação.

A análise de conteúdo vai permitir, através de uma descrição objectiva sistemática do conteúdo, interpretar os resultados obtidos.

Nas técnicas de pesquisa, pretende-se usar a técnica de pesquisa documental. A característica da pesquisa documental é que a fonte de colecta de dados está restrita a documentos, escritos ou não. (Marconi e Lakatos, 2003)

Outra técnica de recolha de dados que será adoptada nesta pesquisa é a entrevista. As entrevistas poderão ser feitas após a análise de conteúdos aos actores como produtor, apresentador e editor de imagens, figuras importantes tanto no processo de produção, como na apresentação do produto final. Pretende-se perceber os aspectos que podem estar por de trás do programa, a existência ou não de imperativos que condicionam a forma como o produto final vai se apresentar.

De acordo Marconi e Lakatos (2003) uma das vantagens da entrevista é de dar oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.

### **1.8.1. Amostra**

Através de uma amostragem intencional pretende-se analisar o programa Homem que é homem entre os meses de Junho à Dezembro de 2017, o que totaliza 23 edições. Trata-se de um programa semanal exibido aos Domingos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2003) a amostragem intencional consiste na escolha dos elementos da amostra que se julga os mais apropriados e representativos para o estudo em questão. O pesquisador selecciona os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo.

A escolha do período acima citado resulta do facto de ser a fase de exibição da segunda temporada do programa, uma vez que naquela época, de acordo com o próprio apresentador, Gilberto Macuácuá, o programa foi mais abrangente através das deslocações para outras províncias tendo havido também introdução de novas rubricas que o enriqueceram em termos de conteúdo.

### **1.8.2. Referencial Teórico: Stuart Hall e o trabalho das Representações**

Stuart Hall (1997) na obra *The work of representation* traz o conceito de representação para explicar determinadas construções de discurso feitas tanto pelos media como pelos agentes sociais.

A teoria de Hall ajuda a descodificar determinados significados que muito se enquadram neste trabalho, daí o uso desta como principal referência para a realização do mesmo.

Uma das afirmações imperativas à reflexão de Hall (1997) é a consideração da cultura enquanto conjunto de valores ou significados partilhados.

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objectos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do quotidiano. É justamente a investigação sobre a forma como se constrói o significado que mobiliza a análise de Hall sobre o conceito de representação.

Hall lembra de imediato que a representação liga o significado e a linguagem à cultura. Para este autor, representar é usar a língua/linguagem para dizer algo significativo ou representar o mundo de forma significativa a outrem.

Daí decorre, segundo o autor, que convivem na representação dois tipos de processos: o primeiro ligado aos sistemas de correlação a um conjunto de representações mentais que possuímos; o segundo relacionado à linguagem que possibilita a existência de um mapa conceitual partilhado, através do qual possamos representar ou intercambiar significados ou conceitos.

Pois, segundo Hall (1997) o significado não está no objecto, nem na pessoa, nem na coisa, nem mesmo na palavra. Somos nós que estabelecemos o significado de forma tão determinada que, em seguida, ele vem parecer natural ou inevitável. Ele é construído, produzido: é o resultado de uma prática de significações, que faz as coisas significarem.

A discussão das representações frente a relações de poder e o aprofundamento da noção de sujeito, baseada fundamentalmente em Michael Foucault, passa a nortear a estruturação de algumas premissas básicas ao desenvolvimento da reflexão de Hall (1997). A abordagem discursiva da

representação, baseada em Foucault, será especialmente interessante para Hall (1997) em três aspectos: o conceito de discurso, a questão do poder/conhecimento, e a questão do sujeito.

O discurso, dessa forma, tem a ver com a produção de conhecimento através da língua, mas uma vez que todas as práticas sociais transmitem significados, e os significados moldam e influenciam o que fazemos – nossas condutas – todas as práticas têm um aspecto discursivo (Hall, 1997).

Para Hall (1997), os indivíduos podem até se distinguir por suas características étnicas, raciais, de classe social e género (entre outros factores), mas não conseguem ter significado a não ser quando se identificam com as posições construídas pelo discurso (sujeitas àquelas – as posições, às regras deste – o discurso). É somente assim que eles, os sujeitos, tornam-se os sujeitos de seu poder/conhecimento.

É através da relação entre os conceitos de discurso, poder/conhecimento e sujeito que este trabalho se incide. Uma abordagem em que a linguagem é tomada como um produto social onde os significados são construídos através dos sistemas de representação.

### **1.8.3. Operacionalização de conceitos**

Alguns conceitos serão muito usados durante a realização deste trabalho, daí a necessidade de uma especificação na definição devido a pluralidade de significados que um conceito pode assumir.

Assim quando se fala de **discurso** neste trabalho diz respeito a abordagem de Laclau (1985) *apud* Sanveca (2015) que sustenta que discurso é tudo que constitui a realidade (coisas, sujeitos, práticas sociais). Essa significação dá-se através de um sistema de regras construídas socialmente que lhe dá significado. Para o autor, o discurso não se reduz à linguagem, abarca o conjunto das práticas articulatórias num determinado contexto.

O discurso não diz respeito somente ao que é dito por meio de palavras mas também através das imagens que são ilustradas para reforçar a posição do sujeito que transmite a informação.

Por **género** neste trabalho entende-se a uma construção associada aos atributos socioculturais que se aplica, de forma diferenciada entre os sexos, a partir do que é estabelecido como feminino e masculino, os atributos sociais destinados a cada um. (Amâncio, 2003 *apud* Theodoro, 2015)

A **masculinidade ou a feminidade** neste trabalho é considerado como algo que é apreendido e não inacto nem natural. São estados activos, pois não são apenas o que somos, mas o que fazemos,

como nos apresentamos, como pensamos sobre nós próprios em tempos diversos e em lugares específicos. (Paechter, 2009). A masculinidade ou feminidade inclui o conjunto de atributos, comportamentos e papéis geralmente associados a homens ou mulheres.

Assim, a **identidade de género** vai se configurar como à identificação dos sujeitos com configurações de masculinidade ou de feminidades. (Carvalho, Andrade, Junqueira, 2009 *apud* Silva, 2015)

A construção da identidade de género decorre de um processo de desenvolvimento, na identificação social e cultural como masculinos ou femininos. (Silva, 2015)

O conceito de **representação** neste trabalho é com base na abordagem de Stuart Hall, nossa principal referência teórica, que considera representação como parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e intercambiado entre membros de uma cultura. Ou seja, representar é produzir significados através da linguagem. Descrever ou retratar, junto a simbolizar e significar. (Hall, 1997).

## **2. CAPÍTULO II: CONTEXTUALIZAÇÃO**

Nesta parte do trabalho far-se-á a contextualização sobre a televisão de Moçambique e o programa em estudo, bem como a análise do ambiente interno do país relativo às questões de género através da contextualização e apresentação das suas características no que diz respeito a aspectos socioeconómicos, culturais e religiosos.

A contextualização pretende compreender as especificidades do país que devem ser tomadas em conta para a análise das representações das identidades de género na média televisiva moçambicana.

### **2.1. Televisão de Moçambique – Empresa Pública (E.P.)**

A Televisão de Moçambique é uma consequência prática da abertura político-democrática, com a aprovação da Constituição de 1990, que advoga a liberdade de expressão e de imprensa como direitos fundamentais. Isto viria a ser materializado com a aprovação da Lei de Imprensa (Lei 18/91 de 10 de Agosto).

Antes deste período, o mercado da média era caracterizado pelos meios públicos, controlados pelo Estado.

De acordo com os arquivos da Televisão de Moçambique, a constituição desta teve como base um projecto experimental lançado, a título experimental, por uma empresa italiana aquando da exposição na Feira Internacional de Maputo, nos finais de 1979.

Para Cabaço (2011), a Televisão de Moçambique nasce num período em que o país estava mergulhado numa “guerra de desestabilização”, esta foi também uma das razões da sua criação. Passou a ser um instrumento importante para o Governo no processo de propaganda. “A ideia principal da criação estava ligada a dois conceitos: política de promoção do Governo e política da unidade nacional” (Cabaço, 2011).

O grande salto deu-se em 1991 quando deixou de ser Televisão Experimental e passou a ser designada Televisão de Moçambique, onde as emissões passaram a ser diárias.

Em Abril de 2017 a Televisão de Moçambique passou a ter o seu canal internacional, que de acordo com o então Presidente do Conselho de Administração, Jaime Cuambe, não traz custos adicionais e pretende transmitir durante 24 horas por dia, com sinal fechado pré-pago de Moçambique no estrangeiro (África do Sul, Angola, Tanzânia e, numa fase posterior, para Portugal e Alemanha)

## **2.2. O programa Homem que é homem**

O programa Homem que é Homem é transmitido pela Televisão de Moçambique, no entanto, pertence a Rede Homens pela Mudança (HOPEM) uma entidade composta por 25 organizações e activistas da sociedade civil moçambicana, que trabalham para a afirmação dos direitos humanos de homens, mulheres e crianças moçambicanas.

É apresentado por Gilberto Macuácuca e sua equipa onde levam, segundo o próprio apresentador, os homens e rapazes a reflectirem sobre os padrões de masculinidade existentes em Moçambique; até que ponto eles são nocivos na sociedade e desta maneira contribuir para a redução de casos de violência doméstica.

Tem percorrido o país todo e promove debates reflexivos sobre as masculinidades e as suas relações com vários problemas sociais vividos na sociedade moçambicana.

De acordo com o apresentador do programa, Gilberto Macuacua, o mesmo foi desenhado com o objectivo de contribuir para a redução de vários problemas sociais através da construção de “novos homens”, assim como aproximar mais as famílias moçambicanas, afastando vários obstáculos que minam o desenvolvimento harmonioso das mesmas oferecendo referências aos rapazes de hoje sobre o que é ser homem.



**Figura 1.** *Identidade visual do programa*

### **2.3. Contexto do género em Moçambique**

Moçambique possui um quadro político-institucional e legal favorável à igualdade de género. Os principais documentos de planificação como o Programa Quinquenal do Governo para 2015-2019 e o PARP reiteram como prioridade a promoção da igualdade de género que constitui um factor fundamental para o desenvolvimento. (Ministério do Género, Criança e Acção Social, 2016)

O país assumiu o compromisso de redobrar esforços em defesa da igualdade de direitos entre mulheres e homens, com a revisão de vários instrumentos legais de forma a eliminar-se qualquer tipo de discriminação baseada no sexo como: a Convenção sobre a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra a Mulher, Declaração de Beijing, Declaração de Género e Desenvolvimento da SADC, o Protocolo Opcional da Carta Africana sobre dos Direitos Humanos e das Pessoas e Direitos das Mulheres, Declaração Solene da Igualdade de Género em África e o Protocolo da SADC sobre Género e Desenvolvimento. A inexistência de códigos de processo suficientes que apoiem na interpretação das leis dificulta a aplicação das mesmas.

Ao longo da história do país, vários foram os esforços de forma a tornar possível o envolvimento equitativo de homens e mulheres na pacificação e desenvolvimento do país.

Por exemplo, a decisão política de que era preciso pensar na libertação das mulheres durante a luta de libertação nacional deu margem a acirrados debates no seio da Frelimo. (Santana, 2009)

Um destes discursos, publicado na íntegra, foi proferido por Samora Machel na abertura da primeira Conferência das Mulheres Moçambicanas. O evento foi convocado pela Frente de Libertação, em 1973, e realizou-se na Tanzânia. O objectivo da Conferência era discutir a condição social das mulheres moçambicanas e pensar em estratégias para a sua emancipação. Machel usou-se das seguintes palavras para ressaltar a importância da emancipação da mulher:

*“A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da Revolução, uma garantia de sua continuidade, uma condição de seu triunfo. A Revolução tem por objectivo essencial a destruição do sistema de exploração, a construção de uma nova sociedade libertadora das potencialidades do ser humano e que o reconcilia com o trabalho, com a natureza. É dentro deste contexto que surge a questão da emancipação da mulher. Não se pode liquidar só uma parte da opressão (...) Como fazer então a Revolução sem mobilizar a mulher? Se mais da metade do povo explorado e oprimido é constituído por mulheres, como deixá-las à margem da luta? A Revolução para ser feita necessita mobilizar todos os explorados e oprimidos, por consequência, as mulheres também. (Machel, 1979 apud Santana 2009)”*

A Frelimo definiu a libertação da mulher como um compromisso inadiável. De uma forma geral, o princípio da emancipação da mulher esteve presente nos discursos dos governos socialistas em todo o mundo, mas, ao invés de adiar o compromisso da emancipação para uma fase posterior da revolução, a Frente considerou que ela deveria ser simultâneo ao da libertação nacional e estruturação do socialismo e, além disso, afirmou o envolvimento das mulheres como uma necessidade vital do processo revolucionário. (Santana, 2009)

Após a independência e com a transição para um regime multipartidário e uma sociedade pluralista nos inícios da década de 1990, o pluralismo político e os subsequentes acordos de paz de 1992 resultaram num rápido crescimento da sociedade civil. Foi nesse contexto que surgiu o Fórum Mulher, uma organização-chapéu nacional criada em 1992 para facilitar a coordenação entre as OSCs dedicadas aos direitos das mulheres e ao seu empoderamento económico e político a nível

nacional. Além disso, o Fórum Mulher assumiu o papel de provedor de serviços aos seus membros, ministrando formação técnica e prestando apoio na análise de género, integração e advocacia. Contudo, na linha da frente da luta pela igualdade de género figuram as organizações de mulheres que se dedicam especificamente a assistir as mulheres na luta contra a pobreza e a discriminação (colectivamente conhecidas como movimento feminino). (Collier, 2006)

Imediatamente após a Conferência de Pequim<sup>5</sup> realizada em 1995 muitas OSCs orientadas para as mulheres ganharam um grande ímpeto, particularmente porque começaram a construir credibilidade e legitimidade com firmeza e ganharam capacidade de gestão administrativa e financeira. A análise de género foi gradualmente sendo reconhecida como uma habilidade específica e as OSCs concentraram-se no fortalecimento das suas capacidades internas para abordar a desigualdade de género. Ao mesmo tempo, muitas associações/organizações de mulheres também se profissionalizaram, tendo-se muitas delas afiliadas ao Fórum Mulher. (Collier, 2006)

#### **2.4. Contexto socioeconómico**

Assim como em outros países da África, a agricultura se destacou como uma das principais fontes da economia em Moçambique. Durante a colonização, as mulheres foram marginalizadas das relações de produção do Estado, além do trabalho ser um atributo legalmente da população masculina, predominou nesse período, uma agricultura de modelo capitalista voltada para o mercado exterior e de mão-de-obra assalariada. Entretanto, a actuação feminina na produção familiar se manteve. (Santana, 2009)

Após a independência, a Frelimo tentou destruir a proeminência da produção familiar visando o fortalecimento de uma economia nacional com bases em uma agricultura industrializada e voltada para o mercado externo, mas, ao contrário da administração colonial, o seu governo procurou incentivar as mulheres a adquirirem conhecimento técnico para continuarem fazendo parte da produção (Tempo, 1984 *apud* Santana, 2009).

---

<sup>5</sup> *Trata-se da IV Conferência das Nações Unidas sobre a Mulher, realizada em Pequim, em Setembro de 1995 que avaliou os avanços e analisou os obstáculos a superar para que as mulheres pudessem exercer plenamente seus direitos e alcançar seu desenvolvimento integral como pessoas. (Viotti, 1995)*

Moçambique continua a ser uma sociedade fundamentalmente patriarcal, na qual os homens tomam as principais decisões, especialmente na família e na comunidade, com expectativas de que as mulheres e as raparigas sejam submissas. (Unicef,2014).

Menos mulheres do que homens são proprietárias de casas ou outros tipos por causa dos seus rendimentos baixos, assim como dos hábitos de herança. Esta multiplicidade de desvantagens é reforçada pela cultura de supremacia masculina dentro do lar, inculcada logo na infância dentro da família, na comunidade e em certas regiões do país através de rituais, como os ritos de iniciação. (Unicef, 2014)

Em relação a educação, segundo dados do Unicef (2014),o analfabetismo e a fraca capacidade de falar a língua oficial são os maiores entraves à informação e ao conhecimento para muitos moçambicanos em especial as mulheres. Estas barreiras estão fortemente interligadas, pois o alfabetismo é adquirido quase só na língua portuguesa e as duas aptidões são conseguidas, primordialmente, na escola. Dados do Inquérito aos Orçamentos Familiares (IOF),2014/2015, indicam que as mulheres continuam em desvantagem em relação aos homens no que concerne ao domínio da leitura e escrita, ao apresentarem uma taxa de analfabetismo em 2014/2015 de 57.8%, comparativamente a 30.1% dos homens.

A taxa de alfabetização nas mulheres é em todo o país inferior à dos homens, especialmente na região Norte do país e nas zonas rurais, onde factores como a baixa percepção da relevância da educação e altos índices de pobreza a desincentivam. (Ministério do Género, Criança e Acção Social, 2016)

Em Moçambique ainda persistem diferenças de rendimentos entre homens e mulheres. O índice de desigualdade de género estimou uma desigualdade salarial de 0.80, ou seja, as mulheres auferem em média 20% menos rendimento do que os homens (World Economic Fórum 2014 *apud* Fórum Mulher 2016). Estimativas similares com base no relatório do inquérito aos orçamentos familiares de 2014 a 2015 indicam que as mulheres auferem 21% menos dos rendimentos que os homens. No que diz respeito à mulher rural devido ao seu perfil caracterizado pelo baixo nível de educação formal, coloca-se em situações de exclusão em relação as oportunidades de emprego formal.

No sector do emprego, as mulheres encontram-se maioritariamente no sector informal e no sector agrícola, como trabalhadoras não qualificadas e especialmente nas culturas de subsistência, com

limitado acesso aos insumos agrícolas, aos extensionistas, com taxas de adopção tecnológica inferiores do que os homens e com limitado acesso ao crédito. (Ministério do género, criança e Acção Social, 2016)

## **2.5. Contexto Cultural**

Em boa parte do continente africano, a organização das sociedades foi fortemente influenciada pelas relações de parentesco que tem como base o sistema de linhagens. Trata-se de um sistema variado e com um nível de predominância diferenciado nos espaços urbanos e rurais, porém, podem apresentar alguns aspectos comuns. Baseia-se na descendência unilinear, isto é, na pertença de um indivíduo ao grupo de descendência (linhagem) e se estabelece por filiação transmitida exclusivamente através do pai ou da mãe. Nesse sentido, a teoria antropológica distingue entre patrilineagens (linhagens formadas por descendência masculina) e matrilineagens (linhagens formadas por descendência feminina). Nos sistemas patrilineares, uma mulher pertence à linhagem do seu pai, mas seus filhos pertencem à linhagem do seu esposo. Contrariamente, nos sistemas matrilineares um homem pertence à linhagem da sua mãe e seus filhos pertencem à linhagem da sua esposa (Gefray, Loforte, 2000 *apud* Santana, 2009).

As posições relativas dos homens e das mulheres na sociedade são muito influenciadas pelos mecanismos culturais que definem a distribuição dos bens económicos e recursos produtivos. No norte e no centro de Moçambique predominam sistemas de descendência matrilinear, enquanto no sul a descendência patrilinear constitui a norma. (Santana,2009)

A descendência patrilinear traça laços de parentesco e de filiação através da linha paterna. Os sistemas matrilineares definem a descendência através da linhagem materna. Nos sistemas patrilineares os homens assumem a propriedade dos recursos do agregado familiar e é o homem que autoriza à mulher o uso destes recursos. Por exemplo, nas zonas rurais de Gaza é prática comum as mulheres não matarem uma galinha sem o consentimento expresso do marido. No distrito de Buzi (perto da Beira, Sofala) as viúvas são expulsas da casa do marido quando este morre, sendo a razão que todos os bens devem ser conservados em benefício da linha patrilinear do falecido. (Santana,2009).

Nas sociedades matrilineares os bens normalmente passam de geração para geração através dos familiares da mãe, permanecendo deste modo na linha sanguínea da mãe. Por outro lado, a descendência matrilinear fortalece a posição da mulher na sociedade porque após um divórcio a casa e os filhos continuam a constituir parte da família da mulher. Contudo, a descendência matrilinear não significa que as mulheres detenham o poder formal; de facto, o poder de decisão está investido no irmão da mãe (tio materno) que detém o direito de distribuir os bens e recursos. Na tradição macua, por exemplo, erukulu (que significa literalmente “útero”) é a unidade básica da sociedade e consiste numa mãe e seus filhos. A mulher assim passa o seu nome aos seus filhos mas é o irmão dela quem tem a responsabilidade de garantir a sobrevivência e educação deles. A linhagem é assim chefiada por um mwene e uma pwiyamwene (irmã ou sobrinha do mwene). Embora a pwiyamwene tenha um estatuto privilegiado de conselheira do mwene e seja responsável pela preparação de todos os rituais do grupo, as decisões finais sobre as questões económicas e sociais da linhagem cabem ao mwene.(ASDI, 2006)

Os factores socioculturais constituem um grande desafio para alcançar a igualdade de género em Moçambique. Enquanto prática sociocultural, o casamento prematuro, por exemplo, está estreitamente ligado à desigualdade de género. Este fenómeno encontra suas origens na desvalorização da mulher como sujeito de direitos, sendo perpetuada pela pobreza e exclusão social, uma vez que os pais são muitas vezes confrontados com a perspectiva de ter de entregar as suas filhas em troca de dinheiro para alimentar a família. Ao nível do empoderamento social e económico o seu impacto é a perda de oportunidades de empoderamento das raparigas e dos seus filhos. (Pires e Carlssonl, 2013 *apud* Ministério do Género, Criança e Acção Social 2016).

Apesar de ter vários instrumentos para erradicar a prática do casamento prematuro, segundo dados da Unicef (2014), Moçambique é um dos dez países com as maiores proporções de casamento prematuro no mundo. Cerca de 14,3% das mulheres já se encontravam casadas ou unidas aos 15 anos, enquanto os homens, iniciam as uniões conjugais muito mais tarde que as mulheres.

Os ritos de iniciação são um exemplo de prática sociocultural que põe as raparigas e mulheres em situação de subordinação em relação aos rapazes e homens. Os ritos regulam os comportamentos tentando conservar as hierarquias e reforçar as desigualdades de género (função de chefe para o homem e de mãe para mulher) (WLSA, 2013 *apud* Ministério do Género, Criança e Acção Social, 2016).

Contudo, os mesmos estudos realizados pelo WLSA em 2013, salientaram a importância que as comunidades davam aos ritos de iniciação na construção da identidade social e no ensino sobre a sexualidade.

De um modo geral, as relações de género em Moçambique são caracterizadas pela posição subordinada das mulheres. Quer as comunidades patrilineares quer as matrilineares em Moçambique assentam em formas de controlo social que priorizam o colectivo em detrimento do individual. Neste tipo de organização social as mulheres têm papéis claramente definidos com base nas relações de género que as colocam numa posição subordinada, ao mesmo tempo que as definem como detentoras da tradição e conservadoras da cultura. Consequentemente, a autonomia e a emancipação das mulheres são muitas vezes vistas como algo que parece ameaçar o âmago da estrutura tradicional. (ASDI,2006).

## **2.6. Contexto Religioso**

O principal aliado do governo colonial foi a Igreja que com a Concordata e o Acordo Missionário de 1940, realizou uma aliança institucional com o estado. Nessa altura o regime transferiu para a Igreja Católica a responsabilidade do Ensino Rudimentar, passando a controlar toda a actividade da Igreja. Salvo raras excepções de alguns elementos da Igreja, esta instituição vai manter uma estreita ligação com os elementos mais repressivos do sistema colonial, como os trabalhos forçados e as culturas obrigatórias, a expropriação de terras aos camponeses e a mão-de-obra mal paga ou forçada. (Silva, 2006)

Depois de 1975, o Estado socialista nacionalizou o património da igreja e instituiu o ateísmo de Estado, mas crenças religiosas persistem presentemente e experimentam um renascimento cultural.

De acordo com o IDS (2011) em relação a religião, quase um terço do total de crentes do país é católica, 28.4%, a islâmica ocupa o segundo lugar com 17.9%; e na terceira posição Zione/Sião com 15.5%. No entanto, convém mencionar também que 18.7% da população do país não professa nenhuma religião ou crença.

A construção cultural de homens e mulheres em Moçambique é inserida hoje através das práticas culturais, influenciadas pelos dogmas religiosos propagadas através do Alcorão e da Bíblia. No que tange as questões de género é clara a similaridade, seja qual for a confissão religiosa, das

desigualdades entre homens e mulheres, colocando-as num patamar de inferioridade. (Silva,2007 *apud* Guerra,2014).

*O mito patriarcal começa a sedimentar-se pelo percurso religioso e reforça-se através dos cânones sociais que, valendo-se de estereótipos, constroem um perfil feminino. Esses estereótipos mistificam-se, tornando-se cada vez mais impermeáveis aos modelos do que seja ideal masculino e feminino, gerando protótipos que dificilmente perdem força.* (Silva, 1995 *apud* Guerra,2014).

Nas comunidades fortemente muçulmanas por exemplo, como é o caso da região norte do país, muitos pais preferem mandar seus filhos para *Madrassa*, escola muçulmana, que além de dar uma formação religiosa, também orienta os estudantes sobre o Islã e a posição de homens e mulheres na sociedade, ensinando desde a puberdade, noções de sexualidade ligadas ao género que reforçam a superioridade dos homens e as obrigações das mulheres para com os maridos. (Guerra,2014).

De um modo geral, estas influências religiosas e culturais servem para fortalecer a sociedade patriarcal, que reserva uma posição subordinada às mulheres e tolera a poligamia. (ASDI, 2006)

### **3. CAPÍTULO 3: APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS**

Nesta secção do estudo far-se-á a apresentação das principais características dos programas analisados e a exposição dos resultados e as respectivas análises de conteúdo partindo das categorias de análise já mencionadas na metodologia.

A nossa intenção foi perceber as representações e a construção de significados sobre identidades de género no programa Homem que é Homem que contribuem para a disseminação de possíveis papéis de género.

A interpretação dos dados identificados é com base não só na teoria de base, como também outras visões de alguns autores sobre o constatado em cada categoria e as entrevistas feitas a três figuras do programa: o apresentador, Gilberto Macuácuá, o realizador, Juma Idrisse e o editor de imagens Jonas Matias.

#### **3.1. Categorias de análise**

A análise de conteúdo baseia-se na categorização a fim de simplificar a explicação.

Bardin (1977) citado por Theodoro (2015) define o processo de categorização como sendo uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos.

No que diz respeito a análise quantitativa pretende-se analisar conforme explicado na metodologia, os seguintes aspectos, de modo a estabelecer as correlações explicativas das diferentes variáveis aqui definidas, através de inferências teóricas:

**1. Temas abordados;**

**2. Influência das autoridades presentes; e**

**3. Composição da plateia.**

A análise qualitativa dos programas resultou da identificação das seguintes categorias conforme descrito na metodologia:

**1. Sujeitos da Representação;**

2. Ideologia dominante;
3. Estereótipos;
4. Discursos minoritários;
5. Significados implícitos.

### 3.2. Tabulação de dados dos programas analisados

Tabela 1. Descrição dos programas analisados

Data	Tema	Intervenientes do Programa	Local de Realização do Programa	Rubricas
11-06-17	Participação das mulheres em lugares de tomada de decisão	Painelistas: Professores Estudantes e docentes da Escola Secundária de Quissico	Inhambane (Zavala e Maxixe)	1. Homem que é homem ajuda-me (Jovem engravida duas moças ao mesmo tempo e pede conselho) 2. Homens na cozinha (homens da Maxixe cozinham)
18-06-17	Casamento prematuro e gravidez na adolescência em Moçambique	Painelistas: Professores Estudantes e docentes da Escola Secundária de Maxixe	Inhambane (Maxixe)	1. Homem que é homem ajuda-me (Jovem de 22 anos namora com uma senhora mais velha e a família não aceita) 2. Homens na cozinha (Didinho Caetano faz chifom de laranja)
25-06-17	Casamento prematuro e gravidez na adolescência em Moçambique	Estudantes e docentes da Escola Secundária de Maxixe	Inhambane (Maxixe)	1. Homem que é homem ajuda-me (Homem faz circuncisão após muito tempo de casado e a esposa não gosta) 2. Homens na cozinha (Pastor Rodrigues faz Guisado de frango)

<b>02-07-17</b>	Paternidade Responsável	Painelistas: Representante da Rede HOPEM (Natham Alfredo) e Onório Isaías Plateia: Residentes (Homens) do bairro de Micajune	Bairro de Micajune (Quelimane)	1. Homem que é homem ajuda-me (homem pede ajuda porque a esposa não lhe deixa sair com amigos)
<b>09-07-17</b>	Participação dos homens nas tarefas domésticas	Painelistas: Directora dos Serviços Distritais de Educação, Ciência e Tecnologia (Emília Francisco) e Líder comunitário (Eugénio Nhangave) Plateia: Membros do Conselho Consultivo	Zavala/Quissico (Inhambane)	1. Homem que é homem ajuda-me (Mulher sofre traição e pede ajuda)
<b>16-07-17</b>	Ritos de Iniciação e casamentos prematuros	Painelistas : um Padre (Raimundo Ramane) e uma jovem do distrito (Argentina Assane) Plateia: jovens do distrito	Nacarroa (Nampula)	1. Homem que é homem ajuda-me Homem pede ajuda: esposa impede relação do marido e filho de um outro casamento)
<b>23-07-17</b>	Ritos de Iniciação e casamentos prematuros	Painelistas : um Padre (Raimundo Ramane) e uma jovem do distrito (Argentina Assane) Plateia: jovens do distrito	Nacarroa (Nampula)	1. Homem que é homem ajuda-me (Mulher sofre traição e pede ajuda)

<p><b>30-07-17</b></p>	<p>Participação política das mulheres</p>	<p>Painelistas: Presidente da Assembleia Municipal de Vilanculos (Roberto Matsinhe) e Chefe adjunta da Bancada (Mariana Alfabeto) Plateia: Membros da Assembleia Municipal</p>	<p>Vilanculos (Inhambane)</p>	<p>1. Homem que é homem ajuda-me homem pede ajuda: esposa impede relação do marido e filho de um outro casamento</p>
<p><b>06-08-17</b></p>	<p>Violência sexual</p>	<p>Painelistas: uma professora (Sucinta Noémia) e dois estudantes do Instituto Médio de Gestão Empresarial (Mauro Carlota e Manucha Orlando)Plateia: professores e estudantes do Instituto</p>	<p>Massinga (Inhambane)</p>	<p>1. Homem que é homem ajuda-me (homem não consegue ter relações sexuais com sua esposa e pede ajuda)</p>
<p><b>13-08-17</b></p>	<p>Participação da mulher nos processos de tomada de decisão</p>	<p>Painelistas: Presidente da Assembleia Municipal e Vice presidente Plateia: Membros da Assembleia Municipal</p>	<p>Maxixe (Inhambane)</p>	<p>1. Homem que é homem ajuda-me homem pede ajuda: casa-se antes de fazer a circuncisão e após fazer a esposa irrita-se</p>
<p><b>20-08-17</b></p>	<p>Gravidezes indesejadas</p>	<p>Painelistas: Um professor (Válter Cherinda) e dois estudantes (Edma Ponguana e Cremildo Sumbana) da Escola Secundária 28 de Janeiro da Massinga</p>	<p>Massinga (Inhambane)</p>	<p>1. Homem que é homem ajuda-me (Mulher pede conselho após o esposo ter engravidado outra mulher) 2. Homens na cozinha (mandioca e salada de alface)</p>

<b>03-09-17</b>	Casamentos Prematuros e gravidezes indesejadas	1ª Parte: Líderes comunitários 2ª Parte: Administrador do distrito (Mário Daniel Bombi)	Mogovolas (Nampula)	Não houve
<b>17-09-17</b>	Casamentos Prematuros e gravidezes indesejadas	Painelista: Secretário Permanente Distrital Estudantes do ensino secundário e docentes	Mogovolas (Nampula)	Não houve
<b>24-09-17</b>	Casamentos Prematuros e gravidezes indesejadas	Jovens do bairro Muhala Expansão	Muhala expansão (Nampula)	Não houve
<b>01-10-17</b>	Masculinidades e saúde	Painel principal : Representante da Rede HOPEM (Fuva Muiambo) e Médico chefe do distrito (Marcelino Bilae) Plateia: Estudantes, docentes e funcionários da Universidade Politécnica de Nacala	Nacala –Porto (Nampula)	Não houve
<b>15-10-17</b>	Casamentos prematuros	1ª Parte: Técnica de saúde (Lizete Adamo) e chefe do posto (Castro Daniel) 2ª Parte: homens (jovens) do distrito de Rapale	Rapale (Nampula)	Não houve
<b>22-10-17</b>	Mídia vs perpetuação das desigualdades de género no país	Onório Isaías, Regina Charrumar e Eugénio Mucale (foram dados a conhecer seus nomes e não as suas funções)	Estúdios Centrais da TVM (Maputo)	Não houve

<b>29-10-17</b>	Como é que os homens lidam com problemas familiares	Onório Isaías, Regina Charrumar e Eugénio Mucale (foram dados a conhecer seus nomes e não as suas funções)	Estúdios Centrais da TVM (Maputo)	Não houve
<b>05-11-17</b>	Direitos sexuais e reprodutivos	Organizações da sociedade civil	Cidade de Nampula	Não houve
<b>12-11-17</b>	Impacto positivo que a paternidade responsável traz para homens, mulheres e crianças	Painelistas: Director Provincial do Género, Criança e Acção Social (José Moda), Cordenador da Organização ACABE (Victor Maulana), representante da organização ESTAMOS (Flora Penduma) e representante da Rede HOPEM (Fuva Muiambo)Plateia: Estudantes, docentes e funcionários da Escola Secundária Paulo Samuel Cancomba	Lichinga (Niassa)	Não houve
<b>03-12-17</b>	Especial Homem que é Homem: Lançamento da Campanha dos 16 dias de Activismo	Participantes da Marcha (Eles por Elas)	Cidade de Maputo	Não houve

<b>24-12-17</b>	Violência contra mulher e rapariga	Painelista: Assessor da ministra do Género, Criança e Acção Social (Ernesto Cassimuca) Plateia: Homens da cidade de Tete	Mercado Coatchena (Tete)	Não houve
<b>31-12-17</b>	Violência contra a mulher	Painelista: vice-ministro da saúde (Leopoldo Costa) Plateia: líderes comunitários, homens e mulheres do distrito de Manjacaze	Manjacaze (Gaza)	Não houve

### 3.3. Exposição dos resultados da análise quantitativa

*Tabela 2. Exposição de Dados quantitativos*

Data	Tema Abordado	Influência Autoridade Presente	Composição da Plateia
11-06-17	Exclusivamente feminino	Social	Homogénea
18-06-17	Geral	Social	Homogénea
25-06-17	Geral (repetição de temas)	Social	Homogénea
02-07-17	Exclusivamente masculino	Sociedade civil	Exclusivamente Masculina
09-07-17	Exclusivamente masculino	Política; Tradicional	Homogénea
16-07-17	Geral	Religiosa; Social	Maioritariamente Feminina
23-07-17	Geral (repetição de tema)	Religiosa; Social	Maioritariamente Feminina
30-07-17	Exclusivamente feminine	Política	Maioritariamente Feminina
06-08-17	Geral	Social	Homogénea

13-08-17	Exclusivamente feminino	Política	Maioritariamente masculina
20-08-17	Geral	Social	Maioritariamente masculina
03-09-17	Geral	Tradicional Política	Maioritariamente masculina
17-09-17	Geral	Social	Homogénea
24-09-17	Geral	Não houve painelistas	Homogénea
01-10-17	Exclusivamente masculino	Sociedade civil; Científica	Maioritariamente masculino
15-10-17	Geral	Científica Política	Exclusivamente masculina
22-10-17	Geral	Sociedade civil	Não houve plateia
29-10-17	Exclusivamente masculino	Sociedade civil	Não houve plateia
05-11-17	Geral	Sociedade civil	Homogénea
12-11-17	Geral	Política Sociedade civil	Homogénea
03-12-17	Geral	Não houve painelistas	Maioritariamente Feminina
24-12-17	Exclusivamente feminino	Política	Maioritariamente Feminina
31-12-17	Exclusivamente feminino	Política	Homogénea

### 3.3.1. Resumo dos resultados

*Tabela 3. Resultados numéricos da análise quantitativa*

Temas abordados			Influência da Autoridade Presente						
Exclusivamente Feminino	Exclusivamente Masculino	Gerais	Política	Social	Científica	Tradicional	Religiosa	Outras	Ausência de autoridade
5	4	14	6	6	2	2	2	4	1
<b>Composição de Plateia</b>									

Homogénea	Exclusivamente feminina	Exclusivamente masculina	Maioritariamente masculina	Maioritariamente feminina	Ausência de plateia
10	-----	2	4	5	2
<b>Total de Programas analisados 23</b>					

Os dados contidos nesta matriz de análise dizem respeito apenas a uma parte do programa: a parte do debate onde é apresentado um tema principal, convidados e plateia. As duas rubricas do programa nomeadamente: Homem que é Homem ajuda-me e Homens na cozinha não fizeram parte desta fase de análise pela natureza dos seus conteúdos, por não se encaixarem às categorias quantitativas e serem exclusivamente típicas qualitativas, pelo que, estas duas rubricas serão usadas posteriormente na fase da análise qualitativa.

#### **3.4. +Análise quantitativa dos dados**

As tabelas acima mostram os resultados da análise dos 23 programas que podem ser resumidos nas seguintes constatações:

##### **a) Temas abordados**

Para a primeira categoria relativa aos **temas abordados**, nota-se que dos 23 programas analisados, 14 abordam temas gerais da sociedade como: direitos sexuais, casamentos prematuros, gravidez precoce enquanto cinco (5) abordam temas direcionados às mulheres tais como a participação política das mulheres, violência contra a mulher e rapariga, participação das mulheres em lugares de tomada de decisão e outros quatro (4) temas são exclusivamente masculinos, tratando assuntos como: paternidade responsável, participação dos homens nas tarefas domésticas e como é que os homens lidam com problemas familiares.

Um facto a ser considerado é que os temas gerais giram sempre em torno dos mesmos assuntos: casamentos prematuros, gravidez precoce e ritos de iniciação, isso pode ser notado em nove dos 14 programas desta categoria, nomeadamente os programas dos dias 18 e 25 de Junho, 16 e 23 de Julho, 20 de Agosto, 03, 17 e 24 de Setembro e 15 de Outubro.

Esta categoria mostra que no processo de construções de identidades de género no programa *Homem que é Homem* coloca-se em destaque o debate de temas mais gerais que dizem respeito

tanto a homens como a mulheres. Trata-se de temas que geram debates a nível social, próximos da realidade moçambicana e que inquietam a sociedade estimulando debates em diferentes cantos do país com destaque para as províncias onde mais se vive a realidade debatida, por exemplo a província de Nampula, no caso dos casamentos prematuros. Apesar desses temas constituírem o grosso é também feita construção através de temas direccionados tanto exclusivamente para homens como para mulheres.

#### **b) Influência da Autoridade Presente**

Em relação a **influência da autoridade presente**, do total de programas analisados (23), em seis (6) traz-se a autoridade a nível social, todos eles representados por professores de escolas onde foi realizado o programa. Era escolhido pelo menos um professor para fazer parte do painel principal; em seis (6) programas as autoridades tinham um grau de influência política representadas por exemplo, por administrador distrital, secretário permanente, assessor da ministra do Género, Criança e Acção Social, Director Provincial do Género, Criança e Acção Social, Presidente da Assembleia Distrital. As autoridades tradicionais, religiosa e científica foram representadas cada uma em dois programas. A tradicional fazia-se representar por estruturas como chefe do posto e pessoas designadas ao longo do programa como líderes comunitários. A religiosa, por um padre e a científica por médicos. Em um programa não houve autoridade convidada, trata-se do programa dia 29 de Agosto. O apresentador conversou somente com a plateia não havendo outros convidados.

Durante quatro (4) programas notou-se a existência de outros tipos de autoridades, representadas pelas autoridades ligadas a sociedade civil (representantes de diferentes organizações da sociedade civil: Rede HOPEM, Organização ACABE).

Estes dados levam-nos a entender que as representações de identidades de género obedecem a uma selecção de diferentes tipos de autoridades de forma a trazer visões diversificadas e abrangentes sobre as temáticas abordadas sendo mais comum o uso de autoridades políticas e sociais.

As autoridades científica, tradicional e religiosa são pouco usuais e das poucas vezes em que são usadas, são combinadas a outras autoridades como a social, política e sociedade civil.

Um facto a ser considerado é que as autoridades tradicionais, científica e religiosa fizeram parte do painel para abordar o mesmo tema em dias e programas diferentes porém na mesma província

(Nampula). É o caso dos programas dos dias 16.07, 23.07, 3.09, 15.10, 16.07 onde falavam sobre os ritos de iniciação e casamentos prematuros. Tema semelhante (casamentos prematuros e gravidez na adolescência) foi tratado no distrito da Maxixe, província de Inhambane porém com outros tipos de autoridades presentes. Naquele distrito privilegiou-se a autoridade social representada pelos professores.

Os dados acima mostram que há autoridades que só se fazem representar em temáticas específicas e em determinadas realidades em que estes exercem poder sobre as comunidades.

### **c) Composição da Plateia**

Sobre a **composição da plateia** em 10 dos 23 programas analisados a plateia era homogénea, tendo se registado um equilíbrio no número de homens e mulheres, é o caso dos programas dos dias 11.06 e 09.07.2017. Em quatro (4) programas houve uma plateia maioritariamente masculina e cinco (5) maioritariamente feminina. Dois programas apresentaram plateia exclusivamente masculina e em dois não houve plateia. Os únicos dois programas realizados nos estúdios centrais da televisão não tiveram plateia, tratou-se de uma conversa entre o apresentador e três convidados. Em nenhum programa houve plateia exclusivamente feminina.

O programa Homem que é Homem de acordo com estes dados procura representar as identidades de género construindo debates em espaços onde se fazem representar homens e mulheres, sem mostrar preferência em um dos sexos. A não existência de plateias exclusivamente compostas por mulheres, pode estar ligada ao facto do programa nesta temporada analisada preocupar-se em trabalhar com homens, segundo as palavras do próprio apresentador, Gilberto Macuácuca.

É possível perceber que a composição da plateia não leva em conta o tipo de tema abordado, ou seja, tema exclusivamente feminino, plateia maioritariamente ou exclusivamente feminina. Por exemplo nos dois programas em que a plateia foi exclusivamente masculina, nomeadamente nos 15.10 e 24.12 falou-se de casamentos prematuros e violência contra a rapariga na cidade de Tete respectivamente. Não se tratava de temas especificamente masculinos. Iguamente, no dia 13.08 falou-se da participação da mulher nos processos de tomada de decisão e a plateia era maioritariamente masculina, daí que, a existência de plateias maioritariamente masculina ou feminina pode estar ligada por um lado, as características do próprio programa por se interessar

em trabalhar com homens e por outro, ao local de realização do mesmo, em termos de disponibilidade de homens ou mulheres.

### 3.5. Análise qualitativa

**Sistematização dos dados qualitativos na relação entre as temáticas e a construção do discurso presente.**

*Tabela 4. Exposição dos resultados da análise qualitativa*

<b>Elementos da Representação</b>	<b>1ª Temática (saúde sexual, reprodutiva e direitos)</b>	<b>2ª Temática (Masculinidades realçadas)</b>	<b>3ª Temática (Feminilidades realçadas)</b>	<b>4ª Temática (Temas transversais)</b>	<b>5ª Temática (Situações da Vida conjugal)</b>
<b>1- Sociedade Civil, Autoridades (social, científica, política)</b>	Mulher vítima da cultura.	Defesa do Género como construção social.	Incentivo à participação da mulher aos vários níveis.	Papel de influenciadoras sociais como a mídia.	Não houve intervenção deste grupo neste assunto.
<b>2- Autoridade religiosa e tradicional</b>	Educação familiar	Família como base principal de formação de novos homens.	Educação para desenvolver as mulheres	Não houve intervenção deste grupo neste assunto.	Preservação do casamento
<b>3- Jovens</b>	Pais e encarregados de educação como figuras na promoção da igualdade	Importância da educação dos pais	Homens e mulheres iguais	Não houve intervenção deste grupo neste assunto	O amor como condição para resolução de problemas.

<b>4- Adultos</b>	Mulher vítima da cultura	Homens mais presentes nas actividades domésticas e familiares.	Colaboração do homem no empoderamento da mulher.	Não houve intervenção deste grupo neste assunto	Preservação do casamento
<b>5- Apresentador</b>	Alteração das abordagens do modelo patriarcal	Educação familiar, base para participação do homem.	Igualdade entre homens e mulheres	Novas abordagens sobre o género	Não houve intervenção deste grupo neste assunto
<b>6- Imagens</b>	Participantes, casais no centro de saúde, símbolos nacionais	Homens em actividades tidas como femininas.	Mulheres em lugares de tomada de decisão.	Mulher se expressando em meio a homens	Aliança e veste dos convidados

**Explicação da tabela:**

Os números **1,2,3,4** e **5** representam as construções discursivas sobre diferentes temas agrupados de acordo com as suas similaridades. O número **1** representa o foco que diferentes agentes deram aos temas ligados a saúde sexual, reprodutiva e direitos. Estão inclusos nesta temática, programas que versavam sobre: Gravidezes indesejadas, casamentos prematuros, ritos de iniciação, violência sexual. O número **2** também representa outro grupo de abordagens sobre os temas que realçam as masculinidades onde o foco principal são os homens. Fazem parte deste grupo, temas como: paternidade responsável, masculinidades e saúde, participação de homens em tarefas domésticas. O grupo **3** representa a ênfase dada pelos diferentes elementos do programa sobre temas que realçam as feminilidades (Participação das mulheres em lugares de tomada de decisão, participação política das mulheres, violência contra a mulher e criança. O grupo 4 representa o resumo das abordagens sobre temas transversais, que por sinal foi um tema: Media vs perpetuação

das desigualdades de género no país representado pelo apresentador e três convidados da sociedade civil. O último grupo mostra a tendência dos discursos sobre a vida conjugal referentes a rubrica “homem que é homem ajuda-me”. Fazem parte deste grupo, as abordagens sobre os mais diferentes problemas apresentados (traição, circuncisão, esterilidade).

Os números que vão de 1 à 6, dizem respeito aos elementos que construíam as abordagens descritas nos números 1,2,3,4 e 5.

### **3.5.1. Sujeitos da Representação**

Stuart Hall, principal referência teórica deste trabalho, analisa a questão do sujeito no processo de representação. Seguindo a abordagem de Hall, este trabalho também faz uma análise dos sujeitos presentes e seus posicionamentos no programa Homem que é Homem.

O programa realiza seus debates privilegiando lugares como escola, comunidade e família fazendo uso de pessoas com influência nesses lugares.

Através das entrevistas foi possível perceber a autonomia do programa na escolha de temas e uma certa dependência perante as autoridades locais e organizações da sociedade civil para a sua execução em termos de contacto às comunidades locais para a gravação.

*Geralmente, as pessoas para a plateia são convidadas através das lideranças comunitárias, mas também, através de organizações da sociedade civil principalmente as de base comunitária, as denominadas OCB- Organizações Comunitárias de Base. Em geral, escolas secundárias, universidades e outras instituições públicas.* **Gilberto Macuacua**

Tipificamos os sujeitos de representação no programa em cinco grupos, de acordo com o identificado nos programas analisados:

- O apresentador;
- Sociedade civil e autoridades (social, científica e política);
- Autoridade religiosa e tradicional;
- Adultos e;
- Jovens.

Esses sujeitos constroem maioritariamente o seu discurso sobre as diferentes temáticas abordadas durante as edições dos programas criando reflexões sobre a sociedade patriarcal característica de

Moçambique e elencando a educação como a forma de redução das desigualdades e dos problemas apresentados no programa.

Apesar de serem diferentes temáticas, todas elas desaguam sobre a mesma perspectiva, pela influência do próprio apresentador, figura importante no processo de representação.

O **apresentador** como verificado no quadro da análise qualitativa, em todas as temáticas constrói seu discurso representando a mulher como “vítima” do modelo patriarcal de educação de homens e mulheres e por isso a necessidade de reversão desse tipo de educação. Desta forma, o apresentador introduz questões que fazem os intervenientes do programa olharem para os modelos de educação (patriarcal) como nocivos à homens e mulheres.

Os trechos a seguir subsidiam as constatações acima apresentadas:

**Trecho 1:** *Acha que faz sentido esta ideia de que a cozinha seja vista como lugar para mulher num contexto actual?* (perguntando a um líder comunitário no programa do dia 09.07)

**Trecho 2:** *Estamos numa sociedade onde o patriarcado é dominante. Quando falamos do patriarcado estamos a falar de um sistema em que o homem é a figura central. Nós conseguimos desafiar este sistema e chegarmos onde nós chegamos.* (Perguntando a plateia composta por membros da assembleia municipal da Maxixe, 13.08)

**Trecho 3:** *Como é que os professores fazem frente a este desafio em que por um lado temos alunos que estão a vir com uma educação que é familiar, que vem lá de casa e depois temos a escola que diz que as coisas não devem ser do mesmo jeito que são ensinados. Como nós os professores nos embatemos?* (Perguntando a professores da Escola de Quissico em Inhambane, 11.06)

O segundo e o terceiro grupo da representação apesar de representarem instituições sociais diferentes, ( ONGs, governo, escola, comunidade e igreja ) nas diferentes temáticas não contrariam a forma como o próprio programa concebe as questões de género, muito ligada a necessidade de alteração do modelo patriarcal. Estes invocam a educação da escola e da família como o principal meio para acabar com as desigualdades entre os géneros.

**Sociedade Civil:** *A educação é uma coisa muito complexa e requer muitos cuidados. Vou falar da primeira infância que é aquele período em que a criança nasce dos 0 aos 10 anos. Este é o período em que nós formamos a personalidade de um indivíduo e é a única oportunidade que se*

*tem de moldar certas coisas que vão ser necessárias para a boa convivência em sociedade no futuro. (12.11)*

**Padre:** *...Deveríamos evitar continuar a educar os rapazes como era no princípio. Temos que mudar porque há coisas que não estão certas...É falta de estudo (Falando sobre os ritos de iniciação em Nampula 23.07)*

**Professor:** *Se conseguíssemos introduzir nos nossos currículos uma componente que fala da educação sexual e reprodutiva como um tema transversal em todas as disciplinas, acredito que isso iria ajudar no comportamento da criança na medida em que ela seria dotada de mecanismos de como ela pode reagir a um assédio sexual assim com, ela pode decidir se já está na altura de ter início de sua vida sexual. (18.06)*

**Membro do Governo:** *A questão que nós temos que fazer para apanhar aqueles todos e falar a mesma língua, primeiro temos que pautar primeiro para o lado da rapariga. O que eu sinto é a questão de incutirmos nela a cultura jurídica. Nós temos a lei da família, a lei da violência doméstica em que qualquer situação contra a menina ou mulher há responsabilização (17.09)*

**Líder Comunitário:** *A mulher é inferiorizada a partir de longa data até hoje que estamos independentes. Só com a situação de mudar a convivência talvez vamos ter concertação. (09.03)*

De acordo com Hall (1997) os indivíduos podem até se distinguir por suas características étnicas, raciais, de classe social e gênero (entre outros fatores), mas não conseguem ter significado a não ser quando se identificam com as posições construídas pelo discurso (sujeitas àquelas – as posições, às regras deste – o discurso). É somente assim que eles, os sujeitos, tornam-se os sujeitos de seu poder/ conhecimento.

A visão de Hall pode ser comprovada neste ponto pois os articulistas apesar das suas diferenças de actuação a nível de papel que desempenham tornam-se sujeitos de poder no programa a partir do momento em que colaboram com as regras de discurso do programa.

Os jovens e adultos que representavam a plateia apresentavam discursos semelhantes. Enquanto os jovens (homens e mulheres) na forma como os pais e encarregados de educação educam seus filhos, os homens adultos faziam menção a um passado que não foi justo com as mulheres e congratulando as novas ideias assentes na equidade de género enquanto as mulheres adultas

construíam seu discurso em forma de desabafo repudiando as atitudes masculinas no relacionamento conjugal.

**Jovem :** *Sem culpar os pais mas muitas vezes isso começa com os nossos pais. Muitas vezes tem aqueles pais que dizem que você não deve casar-se com uma mulher que estudou porque na tua casa não haverá homem. Ela é que vai ser a cabeça da casa porque ela é que tem salário, ela é que trabalha. (11.06)*

**Jovem :** *Os pais pensam que o casamento é uma forma de protecção para os filhos. Eles usam os filhos como sua fonte de renda. (17.09)*

**Homem adulto :** *No passado era espécie de escravidão o que vivia as mulheres porque praticamente ela carregava tudo, incluindo o casaco, a bengala. O homem para mostrar que era chefe da família entregava a mulher para poder carregar. (09.07)*

**Homem adulto:** *Uma das razões que origina a violência é o machismo. O homem se acha que é detentor do poder, que a mulher não tem direito a palavra e tudo aquilo que o Homem diz é divino, é um mandamento de Deus. (31.12)*

Os homens adultos mencionados nos trechos são líderes comunitários e adultos com uma certa influência na região onde foi feito o programa. São homens que tem sido alvo dos trabalhos de diferentes organizações sobre as questões de género.

**Mulher adulta:** *...Ambos são funcionários, é um exemplo, voltam a mesma hora, percorrem as mesmas distâncias e em algum momento a mulher até é que percorre mais. Chega a casa, quem deve estar na cozinha é a mulher. O homem está a descansar e em algum momento até exige “mamã está a demorar com o jantar. Eu estou cansado trabalhei muito” como se a esposa tivesse ido ao serviço para dormir” (9.07)*

**Mulher adulta :** *A mulher nunca pode dizer não. A todo o momento quando o homem chega em casa a mulher é obrigada a dizer sim marido, sim marido...*

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objectos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos

significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do quotidiano.

A afirmação de Hall remete-nos a conciliar a representação discursiva feita por esses diferentes intervenientes do programa e o contexto cultural no qual estão inseridos. Este exerce sua influência na forma como os diferentes sujeitos constroem o mundo. Todos os intervenientes falam ainda que de forma indirecta do modelo patriarcal e da necessidade de sua alteração.

Num estudo intitulado “ *Representações de género: sociedade, linguagem e média televisiva*” Maria Alice de Souza e Daniel Mill apontam esse poder de diferentes sujeitos na construção de identidades de género baseando-se na abordagem de Castells (1999)

*“ A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.”* ( Castells 1999 *apud* Souza e Gomes 2015)

É possível notar que se por um lado os diferentes intervenientes veem nas construções históricas sobre identidades um ponto de partida para a explicação dos diferentes temas do programa, por outro, constroem novos significados através de uma nova abordagem baseando-se nas lutas actuais sobre género influenciados por diferentes agentes sociais.



**Figure 1:** *Sujeitos de uma das edições do programa*

### 3.5.2. Ideologia dominante

Um conceito também discutido por Hall é a ideologia. Este autor porém traz uma aceção neutra, diferentemente de Gramsci que distingue no conceito “ideologia” um aspecto puramente negativo (seu carácter “arbitrário”, “racionalista”, “desejado”) – a “falsa consciência”? – e outro neutro (seu carácter “necessário”, “orgânico”), Larrain sugere que a concepção de Hall parece privilegiar a trilha do que seria a aceção neutra de Gramsci.

Neste sentido, as ideologias em Hall consistem “em imagens, conceitos e premissas que fornecem o arcabouço através do qual nós representamos, interpretamos, entendemos e ‘atribuímos significado’ a alguns aspectos da existência social” (.Hall, 1988 *apud* Larrain, 1996)

O trabalho buscou perceber a ideologia dominante no programa Homem que é Homem e como ela é transmitida. Assim, nota-se que a ideologia defendida pelo programa é a do **envolvimento de homens na luta pelo feminismo**.

Esta ideia é comprovada pela equipa que trabalha no programa e que ao mesmo tempo ressalta o papel do apresentador.

*“ O próprio apresentador directa ou indirectamente acaba difundido o lado feminino. Isso é uma coisa positiva, principalmente porque o programa foca-se nos distritos, lugares onde o Homem é tido como o chefe. Este programa vai aos distritos para mostrar que a mulher tem também espaço na sociedade.”* **Jonas Matias**

O feminismo defendido neste programa é o da segunda onda, caracterizado pela grande influência de Simone Beauvoir com a célebre frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, frase anunciada algumas vezes tanto pelo apresentador como pelos membros que compõem muitas vezes à plateia. O feminismo é aqui entendido como um projecto de autodeterminação da mulher para além do género que a define. Esse feminismo é aqui encarrado como uma luta também masculina e através do **privilégio, normalização e repetição** esta ideologia é reforçada ao longo do programa. Vejamos a seguir como cada uma destas estratégias funcionam no programa para legitimar a ideia de envolvimento de homens na luta pelo feminismo.

### **3.5.2.1.Privilégio**

As ideologias privilegiam alguns interesses em relação a outros, normalizando determinados valores enquanto marginalizam outros. Elas abrem espaço para legitimar que determinadas perspectivas, qualidades, necessidades de determinados grupos sociais sejam mais importantes ou mais válidas do que outras. (Ott e Mack, 2014)

No programa Homem que é Homem é possível notar o privilégio dado à indivíduos que representam instituições com discursos com uma tendência de exaltação da mulher e chamada de atenção à forma como são tratadas as masculinidades no país. São exemplos, as instituições como a própria Rede Hopem, patrona do programa, a ONU Mulheres, as diversas organizações da sociedade civil que operam em diferentes províncias do país.

Na visão de Ott e Mack, no processo de normalização das relações de poder também confirma-se informalmente que as perspectivas, qualidades ou necessidades de grupos socialmente mais poderosos são mais importantes ou válidas do que as dos grupos socialmente dominados.

Para o caso em estudo, o grupo dominante enquadra-se as organizações e grupos a nível da sociedade moçambicana com depoimentos em conformidade com a ideologia do programa.

Nota-se também o privilégio na forma como são tratados os depoimentos de indivíduos que corroboram com a ideia da mudança o sentido de ver o ser mulher como produto de uma construção social e na mudança dos homens fazendo-os sentir mais homens por adoptarem a essas práticas. Por exemplo, quando o próprio apresentador após o depoimento de uma mulher que congratula o envolvimento dos homens nas tarefas domésticas, ela conclui e de seguida o apresentador faz a seguinte pergunta: Homem na cozinha é homem romântico? Ela de seguida responde que sim.

Aqui ao mesmo tempo que o Programa estimula depoimentos que estão dentro da ideologia dominante também atribui um prémio social a aqueles indivíduos que adirem, atribuindo adjectivos como romântico.

De acordo com Vieira 2013 *apud* Souza e Gomes 2015 a linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação ou suporte de pensamento. É interação e um modo de produção social. Não é neutra, nem inocente, na medida em que está engajada numa intencionalidade, e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia.

A afirmação de Vieira é comprovada no programa analisado na medida em que, é através da linguagem que os diferentes sujeitos, na situação de privilégio reforçam a ideia de envolvimento do Homem na luta pelo feminismo. Através do uso da linguagem e das estratégias discursivas, os vários interlocutores poem em discurso a importância da participação masculina na luta pelo feminismo.

### **3.5.2.2.Normalização**

A ideologia tem a missão de fazer com as relações sociais e ajustes entre os indivíduos pareçam normais. Isto permite que as relações de poder estabelecidas pareçam naturais. (Ott e Mack, 2014)

Nos programas analisados é possível notar que algumas visões que justificam a ideologia dominante são naturalizadas, nomeadamente:

- A negação da generalização de palavras como “ todos”;
- A ideia de equidade de género na representação de convidados.

Um aspecto que se pode notar em todas as edições do programa é o uso de **todas e todos** ao invés do termo habitual “todos”. Nota-se que sempre que o apresentador cumprimenta em todos os programas analisados da seguinte forma: “ olá a todas e a todos” e, ao longo do programa quando quer chamar a atenção da audiência, diz “ estimada telespectadora, estimado telespectador.”

De acordo com Ott e Mack (2014), a ideologia frequentemente faz com as relações sociais e arranjos entre os indivíduos pareçam normais e faz com que as relações estabelecidas de poder sejam a ordem natural das coisas.

Ao normalizar o uso dos termos **todos** e **todas** o programa nega a naturalização do uso do termo todos como como inclusivo. Souza e Gomes 2015 em seu estudo sobre representação apontam a ideia de Moraes (2002) referentes ao uso da linguagem como instrumento de dominação:

“Longe de ser uma dádiva divina, a linguagem é uma convenção humana, servindo aos interesses daqueles que dominam, nesse caso, dos homens. Como criação da humanidade, a linguagem deve ser analisada, contestada e, quando necessário, alterada, pois “dependendo do uso que se faça da linguagem, ela serve como um veículo para delinear, ajudar, destruir, informar, deturpar, ensinar, traumatizar, etc.” (Moraes, 2002)

Neste caso em particular, a linguagem está a ser usada como uma forma de destruir as visões masculinizadas das sociedades, desenvolvendo a luta por meio dela em prol de uma reconstrução das formas de tratamento para homens e mulheres.

Em relação a questão de equidade, podemos notar em todos os programas um esforço em se trazer convidados de ambos os sexos, como uma questão de representação, facto que nos fez perceber em uma edição (11.06) que a preocupação estava mais ligada ao equilíbrio nos convidados (homens e mulheres) do que nas intervenções.

Nesse programa em particular, depois do apresentador conversar com estudantes de uma escola secundária, conversou com os professores (duas professoras e dois professores). Uma das professoras nada falou. O debate era feito pelos outros três. O calar da professora durante os cerca de 15 minutos foi tido como natural, percebia-se que a presença era num sentido de equilíbrio.



**Figura 2.** Exemplo de equilíbrio nos convidados

Santaella, em *Matrizes da linguagem e pensamento*, salienta que o cinema, vídeo e a televisão são denominados como audiovisuais, no entanto, esses possuem também o carácter discursivo verbal, visto que, “subjacente ao que se costuma ser chamado de audiovisual, há uma camada de discursividade que sustenta o argumento daquilo que aparece em forma de som e imagem” (Santaella, 2001 apud Sabino et al 2016).

O que é dito em discurso sobre a questão de igualdade de oportunidades é mostrado em imagens através de convidados de ambos os sexos mesmo que hajam no meio deles alguns que nada falem.

Ressalta-se neste ponto, a imagem. É dado ao telespectador a ideia equilíbrio através da imagem que é apresentada.

### **3.5.2.3 Repetição**

Uma outra forma que o programa usa para deixar visível a ideia fundamental do envolvimento de homens na luta pelo feminismo é a repetição.

Esta dá-se não só através da repetição dos temas abordados em dias e lugares diferentes como também através do uso recorrente no discurso tanto do apresentador como dos convidados do termos **sociedade patriarcal e diálogo**.

Eis alguns exemplos de temas:

*Tabela 5. Ilustração da repetição de temas*

<b>Data</b>	<b>Tema</b>	<b>Lugar de realização do programa</b>
11.06.2017	Participação das mulheres em lugares de tomada de decisão	Inhambane (Zavala e Maxixe)
30.07.2017	Participação política das mulheres	Inhambane (Vilanculos)
12.11.2017	Impacto positivo que a paternidade responsável traz para homens, mulheres e crianças	Niassa
02.07.2017	Paternidade responsável	Quelimane
18.06.2017	Casamento prematuro e gravidez na adolescência em Moçambique	Inhambane
03.09.2017	Casamentos Prematuros e gravidezes indesejadas	Nampula

Em todos os programas analisados menciona-se a sociedade patriarcal. Eis alguns exemplos:

**Trecho 1:** *Antes de falar da preocupação da mulher gostaria de voltar e falar da nossa sociedade patriarcal. Nós sobrevivemos numa **sociedade patriarcal** e como consequência é o homem que designa, domina e manipula ...restando a mulher o papel de submissa. (13.08.2017)*

**Trecho 2:** *...a nossa sociedade que é uma **sociedade patriarcal** onde se centra no homem e a cozinha tem sido espaço para as mulheres. Até que ponto essa colocação da cozinha como lugar da mulher pode ter influência na questão da paz e violência por exemplo? (09.07.2017)*

**Trecho 3:** *...A sociedade que segue o **modelo patriarcal** é o homem que deve prover recursos à família. (01.10.2017)*

Aqui nota-se que a ideologia é reforçada através do repúdio a esse tipo de sociedade ao convite que se faz ao homem a sua participação na construção de uma nova sociedade.

Aí reside a eficácia produtiva dos discursos; sua repetida pronúncia acaba fabricando aquilo de que fala e que, supostamente, apenas descreve. Esse é o carácter “performativo” do discurso: fazer com que ele aconteça (SILVA, 2000 *apud* Freitas e Chaves 2013). Dessa forma, tudo o que se diz repetidamente, em uma sociedade, sobre como devem ser os gêneros, vai construindo a materialidade dessas identidades.

A palavra **diálogo** é muitas vezes usada quando se trata da rubrica Homem que é homem ajude-me, onde os conselheiros ao fazer seus comentários direccionados as pessoas que pedem ajuda em diversas situações da vida conjugal, evidenciam o diálogo como maneira eficaz de acabar com os problemas no lar. O mesmo acontece em algumas edições do programa onde os convidados também fazem menção do diálogo. Ora vejamos alguns exemplos:

**Trecho 1:** *Não há **diálogo**, nas famílias. As pessoas falam muito pouco. (29.10)*

**Trecho 2:** *Será que eles se conhecem o suficiente? Porque muitas vezes dizemos que há **diálogo**, mas o que é diálogo? (13.08)*

**Trecho 3:** *Uma relação precisa de lubrificante. É como uma máquina. É preciso o **diálogo**, mandar uma mensagem logo de manha, pode criar um pouco de alegria. (23.07)*

Segundo Hall (1997), é através do uso que fazemos das coisas, o que dizemos, pensamos e sentimos – como representamos – que damos significado. Ou seja, em parte damos significado aos objetos, pessoas e eventos através da estrutura de interpretação que trazemos. E, em parte, damos significado através da forma como as utilizamos, ou as integramos em nossas práticas do quotidiano.

A forma como é usado o termo diálogo no país, ajuda a dar significado a abordagem do programa. O diálogo é uma das palavras mais usadas nos últimos anos para referir a melhor maneira de resolução dos problemas políticos enfrentados pelo país.

O programa apropria-se desta palavra e de maneira repetida num sentido também de fazer acreditar que é possível resolver os problemas de género do mesmo jeito que são resolvidos outros problemas sociais e até políticos através pelo diálogo.

O telespectador é desta forma, convidado a estar de acordo com o disposto no programa pela forma repetitiva que são usadas determinadas palavras segundo reitera Duarte 2008 *apud* Siembra e Nascimento 2015:

*“Ora, essa forma de narração, fundada na alternância entre a repetição e introdução de elementos novos, possibilita com que o telespectador acumule conhecimentos em um contexto da estabilidade.”*

### **3.5.3. Estereótipos**

A estereotipagem implica rotular as pessoas com base num conjunto de aspectos, associados a um determinado grupo, diferenciando-as assim dos outros (Baker, 1999 *apud* Pereira et al 2013).

O estereótipo de género existe no plano do inconsciente, rodeado de inúmeras crenças sobre o comportamento do homem e da mulher e o seu papel na sociedade (Geis et al., 1984 *apud* Pereira et al 2013).

A formulação desta categoria de análise ajudou a perceber quais os estereótipos que estão sendo destruídos ou construídos através do programa Homem que é Homem.

Assim, podemos notar que o programa de várias formas ajuda a destruir determinadas estereótipos mas também cria novos estereótipos e reforça outros já existentes.

### **3.5.3.1. Destruição de estereótipos**

Esta é talvez a forma mais explícita que se pode notar no programa quando se trata dos estereótipos de género.

O **primeiro estereótipo** a ser quebrado diz respeito ao estilo do apresentador, a ideia de como a sociedade concepciona a forma como o homem deve apresentar-se: de cabelo curto e que cabelo cumprido é típico de mulheres. Esta ideia é desconstruída no programa ao mostrar um apresentador, homem, de cabelo *afro* e que continua sendo homem mesmo adoptando esse estilo.



*Figura 3. Apresentador do programa*

As imagens apresentadas pela TV penetram na vida das pessoas de forma interactiva. Ela proporciona a criação de significados a partir de situações sociais. Suas mensagens e imagens visuais, ao interagir com as pessoas, afectam tanto as imagens mentais quanto o comportamento dessas pessoas. (Roso 2000 *apud* Souza e Mill 2015)

Assim, ao mostrar a imagem de um apresentador com um aspecto visual pouco comum o programa pode estar a contribuir para a construção de novas imagens mentais aos seus telespectadores destruindo as ideias naturalizadas de como devem se apresentar homens e mulheres. De uma forma indirecta reforça a ideologia na célebre frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” convidando os homens nessa luta.

O **segundo estereótipo** a ser quebrado é o de que a cozinha não é espaço para homens. Este é o estereótipo mais trabalhado a nível do programa. Isto é feito através de:

- Abordagem de temas que incentivem essa prática, tais como: participação dos homens nas tarefas domésticas,
- Programas em que não se fale dos homens na cozinha mas em que um dos participantes a nível da plateia veste um avental e faz as suas intervenções assim vestido; e
- Rubrica: Homens na cozinha, uma rubrica em que um homem confeciona algum prato de comida na sua casa.



*Figura 4. Programa Homem que é homem numa das escolas*

Souza e Mill 2015, em seu estudo sobre representações de género: sociedade, linguagem e mídia televisiva, afirmam que “a sociedade impõe os padrões que cada género deve ter; portanto, cada identidade é construída e elaborada historicamente, não sendo algo fixo e imutável. Identidades são continuamente formadas e transformadas em relação aos sistemas culturais que rodeiam a humanidade.”

Ao quebrar o estereótipo segundo o qual, lugar de homem é na cozinha, reforça-se a ideologia do programa, ligada ao envolvimento dos homens na luta pelo feminismo como também constrói-se uma nova identidade de género (homens devem participar nas tarefas domésticas), por se acreditar que esta não é fixa nem imutável.

O **terceiro estereótipo** que está sendo destruído no programa é o de que é função da mãe acompanhar o bebé ao centro de saúde.

O programa traz uma visão de participação, em que tanto o pai como a mãe têm responsabilidades. Esta visão é mostrada através da abordagem de temas como paternidade responsável, masculinidades e saúde, exemplos de homens dentro do programa que acompanham suas esposas ao centro de saúde bem como através de imagens que mostram casais indo ao centro de saúde juntos.

O próprio apresentador dá exemplo falando da sua experiência pessoal, que tem acompanhado sua esposa. Isso pode ser notado por exemplo, no programa do dia 1.10.2017: *Eu já tive uma experiência de ir a uma unidade sanitária, estava a acompanhar a minha parceira na consulta pré-natal e perguntei as mulheres que estavam por ali, onde estavam os seus parceiros.*

No decorrer da vida das pessoas, aprende-se a ser homem ou mulher, de maneira que essa aprendizagem fica estampada nas camadas mais profundas da personalidade. Papéis sociais são distintos para homens e mulheres, sendo considerados construções culturais, ou seja, imagens que a sociedade constrói por meio da vida social, da educação e da socialização (Souza e Mill 2015).

Tomando como base o posicionamento acima, o Programa Homem que é Homem apresenta uma nova abordagem trazendo atona o envolvimento do homem na participação da vida de seus filhos e para tornar mais forte esse papel social, faz-se o uso do testemunho de vida do próprio apresentador e o recurso a imagem.



*Figura 5. Imagem ressaltada na abordagem do programa sobre paternidade*

O **último estereótipo** a ser destruído é a ideia de que é característica feminina pedir ajuda para resolução de problemas no relacionamento, homem resolve seus problemas sozinho, é autossuficiente. Esta ideia é descartada através da rubrica Homem que é homem ajuda-me.

Nesta rubrica homens e mulheres enviam mensagens no facebook do programa, contando sobre alguma situação no relacionamento conjugal em que precisam de conselhos. E já no estúdio, uma equipa de conselheiros faz a análise da situação e dá conselhos.

A análise dos programas mostrou que são os homens que mais enviam mensagens de pedido de ajuda, falando de problemas como: impotência sexual, problemas com a esposa por causa dos filhos fora do casamento, falta de entendimento entre a esposa e a mãe.

Um facto interessante é que os homens e mulheres que enviam suas estórias não são identificados pelo nome, diz-se normalmente a idade e a estória que traz.

A destruição deste estereótipo pode estar sendo facilitada pela questão de anonimato. Os homens ao perceber que podem expor suas preocupações sem serem identificados na televisão, sentem-se mais seguros.

De acordo com Stuart Hall, agir socialmente como mulher ou homem implica estar envolvido na força da mediação cultural, pois toda prática social tem uma dimensão cultural. As práticas sociais dependem e têm relação com o significado que é dado culturalmente, ou seja, a cultura é uma das condições constitutivas de existência do agir e decidir (HALL, 1997).

Souza e Mill (2015) vão mais longe ao afirmar que o patriarcalismo construiu uma falsa dicotomia entre a emoção feminina e a razão masculina. (Souza e Mill, 2015).

Assim, quando o programa mostra Homens que apresentam inquietações a nível dos seus relacionamentos destrói esse agir normalizado culturalmente que dita ao homem um comportamento mais “ fechado” em relação a seus sentimentos e, conseqüentemente. a expressão

Os estereótipos se apossam das características mais “simples, vívidas, memoráveis, de fácil apropriação e amplamente reconhecidas” sobre uma pessoa, reduzem tudo sobre a pessoa a essas características, exageram e simplificam-nas sem mudança e desenvolvimento para a eternidade. Os estereótipos reduzem, essencializam, naturalizam e fixam a “diferença”. (Hall,1997)

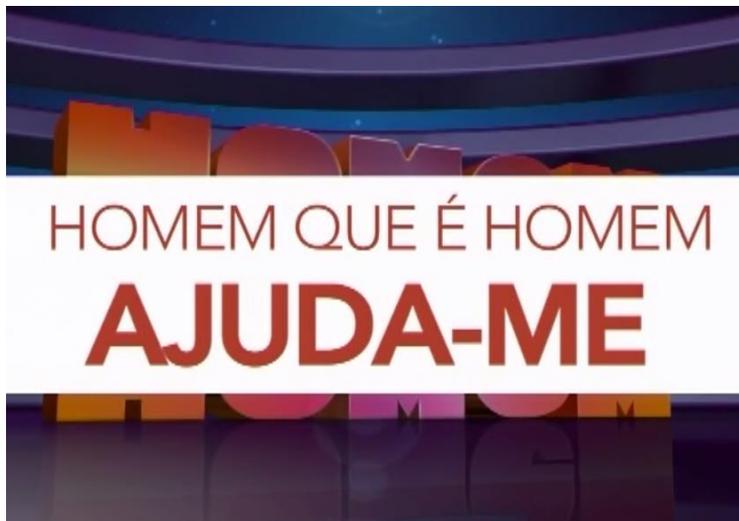


Figura 6. Identidade visual da rubrica homem que é homem ajuda-me

### 3.5.3.2.Reforço de estereótipos

As análises feitas mostram que, de forma consciente ou não, o programa reforça o estereótipo de preservação do casamento independentemente das dificuldades onde coloca-se grande responsabilidade dessa preservação à mulher.

Este estereótipo é reforçado de forma especial na rubrica Homem que é homem ajuda-me. O reforço é feito principalmente pelas mulheres tanto as que são convidadas para serem conselheiras como as que são interpeladas na rua para opinarem sobre a estória em debate. Os exemplos abaixo mostram esta constatação:

**Trecho 1:** *Não aceitamos traição mas eu penso que tu devias lutar por aquilo que você quer. Lutar pelo seu marido. Um dia qualquer, isso é uma coisa passageira, ele volta a sentar. Ele anda com aquela coisa de jovem.(conselheira)*

**Trecho 2:** *O meu marido pôde me trair. Enquanto eu tiver filhos, na minha maneira de ver, posso ficar para zelar dos meus filhos.(telespectadora encontrada na rua)*

**Trecho 3:** *Se tem as suas amigas, amantes, não de o número da sua esposa. Não deixa que elas lhe provoquem porque a única pessoa que pode parar essa situação é o nosso querido marido desta senhora que escreve. (conselheiro)*

**Trecho 4:** *Aqueles que criam cabritos dizem que um cabrito bem amarrado, por mais que a corda seja grande, ele vai para onde quiser mas depois volta porque está bem amarrado. (Conselheiro)*

Os estereótipos implantam uma estratégia de “divisão”. Eles dividem o que é normal e aceitável daquilo que é anormal e inaceitável. (Hall, 1997).

Há no programa uma representação da traição que ao mesmo tempo inocenta os homens e dá responsabilidades as mulheres para zelar em seus lares.

De acordo com Souza e Mill (2015), o mundo contemporâneo é produto da consciência masculina, porém um facto não pode ser encoberto: as mulheres participaram da conspiração de sua própria subordinação, ajudando a sustentar os sistemas de dominação masculina.

A afirmação destes dois autores podem ajudar a perceber a forma como as mulheres construíram seus discursos que pode ser aliada ao contexto cultural de sua educação que exerce bastante influência no olhar que estas têm sobre determinados factos sociais. Assim, ao reforçar a ideia do casamento elas estão transpassando aquilo que foram ensinadas como mulheres (lutar pelo casamento).

Outro estereótipo reforçado é a ideia de superioridade masculina mesmo quando é a mulher a ocupar um cargo mais elevado.

Este estereótipo podemos notar no programa do dia 31 de Dezembro. Este programa foi feito no âmbito da campanha “Ele por elas” com o tema violência contra a mulher, gravado no distrito de Manjacaze, província de Gaza.

Naquele programa pretendia-se uma conversa com os líderes comunitários. Dentre os convidados principais estavam a Ministra do Género, Criança e Acção Social e o Vice ministro da saúde. O apresentador camuflou a imagem da ministra e fez questão de exortar a presença do vice ministro, que, por sinal moderou o debate.

Percebe-se que era intenção do programa que o debate fosse dirigido pelo vice ministro uma vez que era direccionado para os homens mas a presença da ministra foi ofuscada desde o princípio e esta só falou no final para encerrar o debate.

Ora vejamos a introdução do apresentador:

*Olá a todas e a todos. Bem-vindos a mais uma edição do programa Homem que é homem, este que está a ser transmitido a partir do distrito de Manjacaze, na província de Gaza. Hoje vamos conversar a cerca da violência contra a mulher. Vai ser um programa muito especial onde vamos*

*ter no nosso diálogo o doutor Leopoldo Costa, ele que é vice ministro da saúde na República de Moçambique.*

Só foi apresentado o vice ministro apesar de na imagem também constar a ministra.



*Figura 7. Ministra do género, apresentador e vice ministro da saúde*

Sem dúvida, os indivíduos ou os grupos refletem, interpretam e modificam valores, normas e condutas que determinam comportamentos e atitudes institucionais, porém, de acordo com Oliveira e Diaz 1998 *apud* Souza e Mill 2015, não se pode esquecer de que “ as pessoas inseridas nesse contexto estão sob mecanismos estruturados de coerção que não só criam a desigualdade entre os segmentos sociais, como a mantêm como processo de garantia dos privilégios dos que exercem o poder”.

Isto torna-se evidente no programa na medida em que torna-se evidente que o próprio apresentador age num sentido não tirar o poder e os privilégios do homem (ministro) num lugar em que a mulher é uma estrutura superior.

### **3.5.3.3.Criação de novos estereótipos**

A análise dos programas mostrou que há também criação de um novo estereótipo no mesmo período em que se destrói o estereótipo segundo a qual a cozinha é lugar para mulheres. O programa de uma forma indirecta produz a ideia que os **homens que podem cozinhar são aqueles que têm escolaridade, com algum poder económico, não são homens quaisquer.**

Esta constatação foi feita através da rubrica Homens na cozinha. Em apenas um programa chamou-se homens de uma comunidade para cozinhar e isto só aconteceu porque o programa tinha como

tema central: a participação dos homens em tarefas domésticas. A participação desses homens na cozinha pode-se dizer que foi uma consequência do tema central, isto é, por se estar a falar da participação dos homens na cozinha, conversou-se com homens daquele local e no final tiveram a missão de confeccionar alimentos, diferente das outras edições em que o programa vai a casa de uma individualidade para que esta cozinhe um prato.

Em todas as outras edições, os homens que apareceram a confeccionar algum prato são homens aparentemente cultos, com alguma condição económica, facto que pode ser visto através das imagens da cozinha da casa. De acordo com o realizador, esse facto é intencional.

*“ Nós queremos construir novos homens, então significa que nos temos que buscar práticas positivas para poder mostrar como exemplo. A ideia de Homens na cozinha não é de buscar qualquer pessoa, uma pessoa que esta no anonimato, não nos interessa. Para que hajam seguidores temos que buscar modelos ”. Juma Idrisse*



*Figura 8. Exemplo da rubrica Homens na cozinha*

Outra ideia que pode estar a ser criada é a que os **homens podem cozinhar, mas não deve ser algo frequente**, eles cozinham para fazer um agrado à esposa. Esta ideia pode ser notada na própria abordagem dos homens nesta rubrica, todos eles dizem que cozinham mas quando têm tempo e querem agradar suas esposas.

Os estereótipos excluem ou repelem tudo o que não se encaixa (...). Então, outra característica dos estereótipos é a sua prática de “fechamento” e exclusão. Os estereótipos, em outras palavras, formam parte da manutenção de uma ordem social e simbólica. (...) O terceiro ponto é que os estereótipos tendem a ocorrer onde há grandes desigualdades de poder. (Hall, 1997)

Tecendo considerações em torno da média, Fischer (2001) afirma que é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças.

Tanto Hall como Fischer falam desse sentimento de exclusão e da média, no caso concreto, o programa Homem que é Homem estar criando por um lado, um novo estereótipo. Sente-se uma exclusão de homens que não tenham uma condição financeira alta, estes podem não estar a sentir representados e por isso não se sentirem parte desta mudança e assim demonstrarem apatia em relação a ideia de cozinhar em suas famílias. Por outro lado, nota-se que até os próprios homens que participam nessas rubricas afirmam que costumam cozinhar em suas famílias em algumas ocasiões como forma de demonstrar carinho por suas esposas.

#### **3.5.4. Discursos Minoritários**

A nível do programa nem todos os discursos ressaltaram a ideologia dominante (envolvimento de homens na luta pelo feminismo). Os discursos que foram contra ideológicos são aqui considerados discursos minoritários.

Nos programas analisados sentimos a presença de alguns discursos contrários a ideologia, normalmente apresentados por homens jovens. Estes discursos tinham a tendência de culpabilizar as raparigas dos problemas enfrentados a nível social como os casamentos prematuros e as gravidezes indesejadas.

Nestes casos sente-se uma maior intervenção do apresentador através de questões que faziam com que o convidado mudasse de ideia. Ele chegava até a fazer um apelo emocional perguntando por exemplo: e se fosse tua filha?

#### **Diálogo 1:**

**Participante:** *As nossas miúdas gostam muito de brincar com homens.*

**Apresentador:** *Na tua opinião, o problema está com as miúdas ou com nós homens?*

**Participante:** *isso vai praticamente para as meninas porque as meninas gostam de brincar com homens.*

**Apresentador:** *Então nós homens somos uns coitadinhos, a menina me provoca e eu não aguento. Coitado de mim... (ironicamente)*

### **Diálogo 2:**

**Apresentador:** *És comerciante aqui no distrito de Rapale e a menina vem duas, três vezes pedir produtos e em função disso você já se envolve sexualmente com esta menina. Imagina que ela seja tua filha?*

**Participante:** *sendo minha filha, ficarei distante e direi para a mãe: é tua filha, veja o que fazer.*

**Apresentador:** *então ficas triste com a situação, porquê fazes com as filhas dos outros?*

No final desses discursos os indivíduos acabam por influência do próprio apresentador mudando a sua opinião primária.

Para explicar este fenómeno recorreremos a teoria da espiral do silêncio entendida como um processo de formação, mudança e de reforço da opinião pública. É portanto lícito dizer-se que, com o tempo, as alterações das percepções sobre o clima de opinião influenciam a disposição dos indivíduos para exprimirem opiniões minoritárias e estabelecerem desse modo uma opinião predominante (Scheufele e Moy, 2000 *apud* Correira et al 2010).

Nota-se que estes discursos que culpabilizam a mulher constituem a minoria dos discursos olhando para a totalidade dos que compõem o programa e, apesar dos indivíduos que os expressam estarem muito convictos da sua opinião, no final mudam e passam a aderir aos discursos majoritários. É possível perceber que esses indivíduos mudam de opinião mais pela influência do apresentador do que das intervenções de outros participantes com opiniões convergentes à ideologia do programa.

O apresentador vê-se como uma figura primordial para a mudança dos discursos principalmente os contrários as ideologias do programa:

*“Eu vejo os discursos machistas como uma oportunidade para o meu trabalho, na medida em que, são um ponto de referência para melhor direccionar os meus discursos e acções. Os discursos machistas não são desejáveis mas infelizmente são uma realidade na nossa sociedade. O meu papel*

*é conduzir a pessoa ou as pessoas a uma reflexão sobre o que falam, focando nos custos sociais, económicos, etc de cada acção descrita no discurso que eles emitem. Gilberto Macuacua*

As ideologias têm uma componente agonística: geram diferenças de opiniões, conflitos e lutas, pois implicam sempre assunção de uma diferença e de um confronto. As ideologias comportam sempre uma dialéctica entre “Nós” e “Eles” .(Ferreira, 2010)

E, no caso deste confronto particular vencem os que estão representados em maior número.

Outro discurso que pode ser enquadrado nesta categoria diz respeito a questão ligada à homossexualidade. Não foi um discurso corrente no programa tendo existido somente em um programa mas torna-se importante analisar porque de alguma forma o programa deu espaço. Trata-se do programa do dia 29 de Agosto onde falava-se com as organizações da sociedade civil que operam em Nampula acerca dos direitos sexuais e reprodutivos. O apresentador, no final do programa pede a última intervenção, do representante da Lambda nos seguintes termos:

**Apresentador:** *Temos mais uma questão dos direitos sexuais e reprodutivos. Como é que é tratada a questão da diversidade sexual na província de Nampula?*

**R:** *Infelizmente a sexualidade hegemonicamente é vista como a heterossexualidade. Temos que reconhecer que as pessoas sentem e vivenciam o prazer de diferentes formas. Reconhecendo que as pessoas sentem e vivenciam o prazer de diferentes formas é uma questão de direitos humanos e respeito ao próximo.*

Este discurso localizava-se na parte final do programa de tal forma que não houve espaço para se argumentar sobre ele contrariamente a outros.

Segundo Judith Butler (1990), as pessoas só se tornam inteligíveis através da atribuição de género em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade de género.

Assim, na representação de identidades de género naquele programa, o foco ligado a questões de género olhando para homens e mulheres, não abre espaço para reflexões sobre a homossexualidade.

### **3.5.5. Significados implícitos**

Stuart Hall afirma que a representação só pode ser adequadamente analisada em relação às verdadeiras formas concretas assumidas pelo significado, no exercício concreto da leitura e interpretação; e tal requer análise dos verdadeiros sinais, símbolos, figuras, imagens, narrativas, palavras e sons – as formas materiais – onde circula o significado simbólico. (Hall, 1997).

Nas análises dos programas notamos alguns sinais e símbolos importantes para serem analisados:

#### **1. O recurso à símbolos nacionais**



*Figura 9. Alguns símbolos presentes no programa*

Notamos que o programa tem feito o uso de símbolos nacionais principalmente naqueles feitos em distritos (dias 03 de Setembro e 15 de Outubro). Os símbolos são usados no princípio ou final do programa bem como, por cima dos depoimentos de alguns intervenientes. Nota-se que esses símbolos só foram usados nos dias em que o programa conversou com líderes comunitários em diferentes distritos sobre os casamentos prematuros.

Não há neutralidade na imagem que nos é posta pelo canal televisivo, ela é forte o suficiente para construir e agregar novos significados, juntamente com a linguagem verbal discursiva. Os recursos imagéticos produzem novo e poderoso sentido a partir da forma que forem utilizados na televisão, na maioria das vezes, eles aparecem criativamente e simbolizados, trabalhados em todos os seus aspectos, o que vêm a exigir um olhar mais aguçado por parte do observador, diferentemente do olhar limítrofe de antes. (Silva 2009 *apud* Sabino *et al*, 2016)

Os símbolos nacionais mostrados no programa não são neutros, carregam significados que pode estar associado à imagem que o programa quer deixar sobre as suas lutas que também podem ser vistas como luta de toda uma nação. Constatamos aqui uma forma de legitimação das ideias

difundidas pelo programa dando a entender que esta luta não pode ser vista como somente do programa como também do país e do governo, facto que faz com que o programa convide figuras ligadas ao governo para também expressar seus posicionamentos em relação aos temas abordados.

Acrescenta-se neste ponto, o trabalho do editor de imagem que afirmou certa autonomia na edição que lhe permite escolher determinadas imagens para cobrir alguns planos mal feitos.

*“ Quando se grava programa, as pessoas falam normalmente mas naquela gravação sempre há falhas, às vezes do próprio camara através de imagens tremidas, coisas que não podem aparecer na televisão. No final o camera sempre filma detalhes das pessoas e são esses detalhes que usamos para fechar esses movimentos bruscos”.* **Jonas Matias**

O editor acrescentou que alguns depoimentos por exemplo, são sobre sexo são cortados. Depoimentos em que as comunidades usam palavras que, na sua opinião, não são insultuosas mas não podem passar na televisão.

*“ As vezes o programa foca aspectos sexuais. Nós sabemos que ao entrevistar pessoas do campo, principalmente com um nível académico muito baixo, eles falam tudo, não omitem nenhuma palavra, sabendo que vai passar na televisão. São essas coisas que nos cortamos. Mas não são palavrões de insulto, são algumas coisas que nós cortamos. Existem coisas quentes que não dão para passar num canal público as 11 horas.”* **Jonas Matias**

## **2. Uso de plano de detalhe focando a aliança dos convidados**



**Figura 10.** Planos de detalhe exibidos no programa

Na rubrica Homem que é homem ajuda-me é frequente a presença de pessoas que tenham alguma influência sociais (pastor, senhoras adultas) designadas conselheiras. Estes dão a sua opinião um sobre a história do dia apresentada por um telespectador através de uma mensagem do facebook.

É possível notar o uso de plano de detalhe focando as alianças dos conselheiros.

De acordo com (Simão e Fernandes 2007) é um dos planos de expressão que permite que seja aumentada a carga emotiva da imagem. É neste momento também que o espectador está à mercê do produtor do vídeo, que mostra os detalhes daquilo que lhe convém e oculta qualquer traço de informação que possa causar uma impressão diferente daquilo que é pretendido.

A percepção que se pode obter do uso frequente deste plano é da legitimação do que estas figuras transmitem, por se acreditar que tem autoridade no assunto por serem casados, uma vez que nesta rubrica apresentam-se os participantes apresentam problemas ligadas a vida conjugal.

Não há resposta única e, mais do que isso, correcta para o significado de uma imagem, mas sim uma interpretação plausível, ainda que não isenta à transformação. Pois, para Hall (1997) o significado não é directo nem transparente e não permanece intacto na passagem pela representação. Ele está sempre sendo negociado e inflectido, para ressoar em novas situações.

#### **4. CAPÍTULO 4: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste capítulo far-se-á o resumo dos aspectos identificados no programa em análise para relacioná-lo com a pergunta de partida, objectivos, as hipóteses de forma a dar a conhecer as conclusões sobre a pesquisa.

##### **4.1. Conclusões**

Procuramos traçar na nossa investigação, um percurso sobre o problema da representação centrada na questão: *Como são representadas as identidades de género no programa Homem que é homem e qual o significado das representações construídas?*

Esta pergunta foi sendo respondida tendo como principal referência teórica, a abordagem de Stuart Hall no seu estudo intitulado *The Work of Representation* publicado em 1997.

Neste sentido, encaramos o nosso objecto de estudo, o Programa Homem que é Homem, não apenas como uma comunicação para a construção de novos homens e de uma sociedade com valores mais equilibrados sobre o género mas também como um discurso social que reflete valores e simbolismos que precisam ser desconstruídos uma vez que estão sendo reproduzidos mediaticamente.

Foram elaboradas categorias de análise quantitativas e qualitativas por forma a responder as inquietações do estudo.

A abordagem quantitativa mostrou-nos que as representações de identidades de género no programa em análise obedecem ao contexto social do país, concretamente nos problemas que enfermam as comunidades e mais do que isso, nos temas abordados por diferentes ONG'S e organizações da sociedade civil sobre questões de género. As comunidades são o principal foco do programa sendo muitas vezes chamadas a fazer parte do debate através de pessoas comuns bem como de agentes influenciadores nos lugares onde são gravados.

A análise qualitativa por sua vez, mostrou que as identidades de género neste programa são construídas seguindo um modelo de alteração de convenções sociais oriundas da sociedade patriarcal. Nota-se aqui, um esforço para a exaltação da mulher através das atitudes masculinas que alteram a habitual distribuição de papéis principalmente a nível doméstico. São usados os homens para ressaltar novas atitudes a fim de reverter as convencionais maneiras que caracterizam as masculinidades e feminilidades.

A concepção do programa é no sentido de ao mesmo tempo lutar pela incorporação de novas características de feminilidades e masculinidades e atribuir responsabilidades aos homens de forma a ser membro activo na luta pelos direitos da mulher.

As identidades de género no programa Homem que é homem são representadas num sentido de alteração das atitudes oriundas da modelo patriarcal criando significados de masculinidades e feminilidades onde é reforçado o papel dos homens nas lutas de género.

Entre os objectivos de nosso estudo estava os de identificar marcas de padronização de masculinidades e feminilidades no programa, bem como, as que reforçam papéis sociais nos discursos e marginalizam outros. Quanto à identificação de marcas de padronização de masculinidades e feminilidades, estas são visíveis através dos estereótipos de género que são mostrados ao longo do programa muitos deles apresentados num sentido de apelo para a sua alteração (participação de homens nas tarefas domésticas, no acompanhamento dos filhos) embora inconscientemente estivessem sendo construídos novos estereótipos. O programa reforça por um lado a ideia da presença masculina em lugares tidos como femininos e não o contrário.

Aspectos ligados a concepção do programa segundo o realizador, da necessidade de se trazer figuras importantes para servirem de exemplo traz consigo a elitização dos participantes da representação. Ao mesmo tempo que ideia pode ter resultado positivo no sentido em que alguns telespectadores podem se identificar com seus ídolos e mudar a sua maneira de agir mas por outro, pode criar apatia ao ponto dos telespectadores pensarem que só os homens escolarizados e com “boas “condições económicas podem participar nas tarefas domésticas.

As constatações acima aproximam a validação da segunda hipótese segunda a qual, *as representações de identidades de género no programa Homem que é Homem desafiam as estruturas de naturalização de masculinidades e feminilidades, numa abordagem equilibrada.*

Há porém que realçar a forma como é expresso esse equilíbrio. Esse equilíbrio é expresso trazendo as feminilidades de uma maneira subentendida, isto é, ao desconstruir as masculinidades são trazidas as feminilidades ao debate isto devido as características e o objectivo do programa. As características, ligadas ao público-alvo, (homens) e ao objectivo de construção de novos homens.

O programa faz uma representação de identidades de género realçando o sentido de valores como família, pátria, casamento como forma de justificar a importância da ideologia defendida na melhoria da vida desses organismos e ao mesmo do país.

A representação pode estar condicionada as condições de realização do programa. As figuras que são contactadas pela produção do programa para organizar os convidados, que fazem os contactos têm poder na selecção das figuras que fazem parte do programa e por outro o processo de produção, concretamente, a figura do editor que tem o poder de silenciar determinados discursos e do apresentador de fazer com que a ideologia defendida seja sempre presente, segundo ele “*O meu papel é conduzir a pessoa ou as pessoas a uma reflexão sobre o que falam, focando nos custos sociais, económicos, etc de cada acção descrita no discurso que eles emitem*”.

Um dos objectivos específicos do programa era o de comparar os objectivos com que foi idealizado o programa com a realidade nele apresentado. Aqui há que ressaltar as próprias condições de realização do programa, o pessoal envolvido e a influência dos valores socio-culturais tanto dos sujeitos da representação que em alguns casos contrariam a visões do programa.

O fenómeno das representações sociais de género é complexo na medida que estas são impermanentes e inesgotáveis. Daí percebemos a necessidade de ser constante a pesquisa acerca dessa faceta da comunicação humana.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A Situação das Mulheres e Raparigas em Moçambique 2005-2015*, Fórum Mulher, 2016
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, 2003
- CABAÇO, J. *Moçambique: Identidades, Colonialismo e Libertação*, Maputo, 2011
- CAMPOS, C. *Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*, Brasília, 2004
- CORREIA, João Carlos, *O Poder do Jornalismo na Mediação do Espaço Público*, 1995
- CORREIRA, João et all (Orgs.). *Conceitos de Comunicação Política*; LabCom Books, 2010
- CRESWELL, J.W. *Projecto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*, Porto Alegre, 2007
- FISCHER, R. M. B. *Uma análise foucaultiana da TV: das estratégias de subjetivação na cultura*. Currículo sem Fronteiras, 2002
- FISCHER, R. M. B. *Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura*. Cad. Cedes, Campinas, vol. 25, 2005.
- FREITAS et all, *Uma introdução aos métodos mistos*, Porto Alegre, 2016
- FONSECA, R. M. G, *A Construção da Identidade de mulheres e Homens como processo histórico*, São Paulo, 2005
- FUNK, S; WIDHOLZER, N, *Género em discursos na mídia*, 2005
- GUERRA, Lúcia, *Educação em Moçambique: Pensando Interseções e Políticas Públicas*, Maputo, 2014.
- GUERRA, E. L, *Manual de Pesquisa qualitativa*, Belo Horizonte, 2014
- GIROUX, H. A. *Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney*. In: SILVA, T. T. Rio de Janeiro: Vozes. 1995.
- GIL, A. C, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo, 2008
- GODOY, A. S, *Pesquisa qualitativa: tipos e Fundamentos*, São Paulo, 1995

HALL, Stuart (ed); *Representation: Cultural representation and signifying practises*; University of London, 1997

HELLER, A. *Sobre os papéis sociais*, São Paulo, 1992

LARRAIN, J , *Stuart Hall and the Marxist Concept of Ideology*, London/Nova Iorque, 1996

LAVILLE, Christian e DIONE, Jean. *A construção do saber. Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre, 1999.

LOURO, G. L, *Género, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, Petropolis,1997

MARCONI, M. A, LAKATOS, E. M, *Fundamentos de Metodologia Científica*, 5ªedição, São Paulo, 2003

MORAES, M. L.Q., *Usos e Limites da categoria género*, Campinas, 1998

MORAN, José Manuel, *Como ver televisão: leitura crítica dos meios de comunicação*, São Paulo, 1991

OTT, B.L. e MACK, R.L, *Critical Media Studies*, Wiley and Sons, 2 edição, Estados Unidos, 2014

OROFINO, Maria Isabel, *Mídias e mediação escolar: pedagogias dos meios de participação e visibilidade*, São Paulo, 2005

PAECHTER,C. *Meninos e Meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades*, Porto Alegre,2009

*Para a Igualdade de género em Moçambique*, ASDI, Maputo,2006

*Perfil do género em Moçambique*, Ministério do Género, Criança e Acção social, Maputo, 2016

PEREIRA et all, *Estereótipos de género, sexo e violência na publicidade portuguesa e espanhola*,2013

*Relatório Final do Inquérito ao Orçamento Familiar-IOF-2014/15*, Instituto Nacional de Estatística, Maputo, 2015

SANTANA, J. C, *A Participação das Mulheres na Luta de Libertação Nacional de Moçambique em Notícias*, Maputo, 2009

SEBRA, Izabelly Cristina Macedo, NASCIMENTO, Samuel Macedo, *A Desconstrução de Género na Sitcom Friends nos anos 2000*, Intercom, 2015

SIMÃO, João (org.), Fernande, Nuno, *Manual de Jornalismo Televisivo – UTAD TV, UNIVERISDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO*, 2007

SILVA, F. J. *Construções de identidades de género na primeira infância*, Florianópolis, 2015

SILVA, G.M.M, *Educação e Género em Moçambique*, Maputo, 2006

SOUZA, C., *A problemática dos métodos quantitativos e qualitativos em biblioteconomia e documentação: uma revisão de literatura*, Brasília, 1989

SOUZA, M.A, MILL, D., *Representações de género: sociedade, linguagem e meia televisiva*, 2015

*Situação das crianças em Moçambique 2014*, UNICEF, Maputo, 2014

THEODORO, E. G, *Representações de Género na Publicidade Televisiva*, Lisboa, 2015

VIOTTI, M.L, *Declaração e Plataforma de Acção da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher*, Pequim, 1995

## **ANEXOS**

**1. Áudio das entrevistas**

**2. Programas analisados**